

Apostila de estudo do SBS

A Epístola aos Efésios

As insondáveis riquezas de Cristo

“a coroa dos escritos de Paulo”

“a composição mais divina”

“a mais régia de todas as epístolas”

“esta epístola é pura música... O que lemos aqui é verdade que canta, doutrina posta em música”

“A Epístola aos Efésios é um dos documentos mais importantes que já foram escritos.”

“O ponto culminante das epístolas paulinas”

Esta epístola descreve como nenhuma outra a essência, a origem e o horizonte, a plenitude e o efeito da fé cristã, que está ancorada em um Filho de Deus que morreu, ressuscitou e foi entronizado.

Hans-Jörg Ronsdorf / Christliche Gemeinde Kempten (igreja cristã em Kempten), Allgäu

Sumário

- A cidade de Éfeso
- Os destinatários da epístola
- Paulo, Timóteo e João e Éfeso
- O motivo da epístola
- Conteúdo e estrutura da epístola
- Lugares celestiais: a que distância estão de nós?
- Bênçãos espirituais no mundo celestial: o que é isso?
- Eleição (predestinação): apenas um tema de controvérsia?
- Adoção de filhos e filiação: simplesmente a mesma coisa?
- Assentar-se – andar – estar firme: a ordem de Deus
- A igreja do NT: desde quando ela existe?
- A plenitude de Deus – o alvo de todas as coisas
- A tipologia do Antigo Testamento e a Epístola aos Efésios
- Cristo, a cabeça: unidade, função, representação
- Os cinco dons em pessoas: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres
- O novo homem: onde e como ele se torna visível
- Principados e potestades: o Maligno e o mundo invisível
- A armadura de Deus: guerra espiritual, mas como?
- Éfeso e Colossos
- Literatura utilizada

Éfeso, a cidade

Éfeso (lat. Ephesus, gr. **Ἔφεσος**, turco Efes) foi uma das mais importantes e mais antigas cidades gregas da Ásia Menor (hoje Turquia) na Antiguidade. Éfeso fica a cerca de 70 km ao sul de İzmir, não longe da costa ocidental da Turquia (mar Egeu), na antiga região da Jônia. Na Antiguidade, ficava diretamente à beira-mar. Por causa da sedimentação e de mudanças climáticas e sísmicas, a linha da costa deslocou-se com o tempo para o oeste, de modo que hoje a cidade fica vários quilômetros terra adentro e, por isso, já não é uma cidade portuária.

Éfeso foi uma das cidades mais importantes e, com bem mais de 200.000 habitantes, também uma das maiores do Império Romano, e sede do governador (procônsul) da província da Ásia. Surgiram numerosas construções públicas, financiadas tanto pela cidade quanto por cidadãos ricos. Entre elas estavam também templos para os imperadores Vespasiano e Adriano, que eram venerados no contexto do culto ao imperador. No que diz respeito à missão, Éfeso tinha uma boa localização estratégica, graças às grandes rotas comerciais e ao porto.

Era uma cidade internacional, foco e ponto de fusão de diferentes culturas e religiões. Éfeso era amplamente conhecida por causa da deusa Ártemis e do seu enorme templo, que fazia parte das 7 maravilhas do mundo antigo. A veneração dos deuses, o ocultismo e a feitiçaria desempenhavam um papel importante nessa cidade, mas também em toda a Ásia Menor.

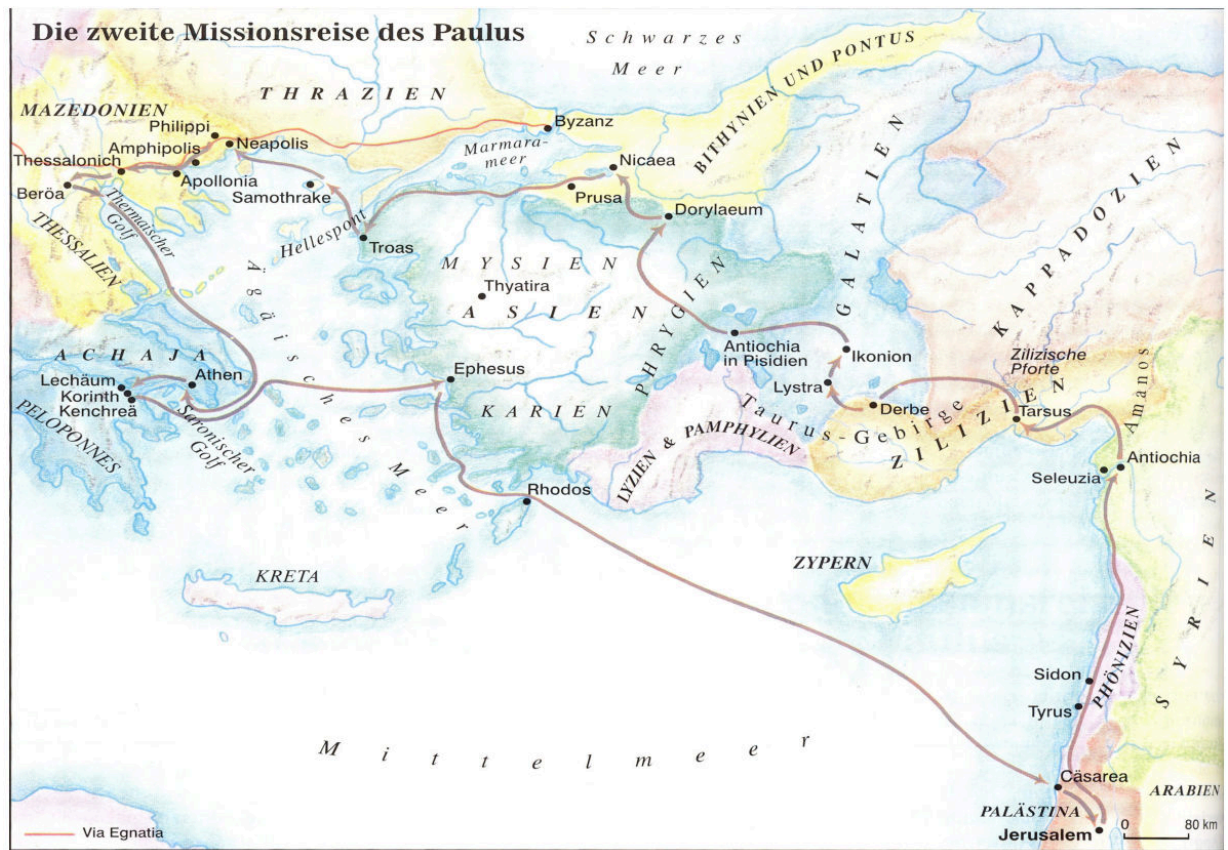
Diante desse pano de fundo, algumas passagens da epístola tornam-se especialmente compreensíveis. De modo geral, a epístola parece ter o seu motivo justamente nesse contexto espiritual e religioso.

No século 19 começou a pesquisa arqueológica de Éfeso, com a busca pelos restos do templo de Ártemis. (Fonte: www.wikipedia.de)

Hoje Éfeso é uma das atrações turísticas da Turquia, com várias centenas de milhares de visitantes por ano.

Um testemunho cristão em forma de uma igreja ou comunidade já não existe nessa cidade há muito tempo.

A localização



Paulo e Éfeso

No final da sua 2ª viagem missionária, Paulo chegou pela primeira vez a Éfeso, mas deixou a cidade pouco tempo depois (At 18:19-21). A sua 3ª viagem missionária (At 18:23 – 21:16) o levou então a Éfeso, onde permaneceu e trabalhou por 3 anos (At 20:31), porque o Senhor tinha ali uma grande obra para ele realizar. De lá ele escreveu, por volta dos anos 54 e 55, as duas epístolas aos Coríntios. Aos Efésios, assim como aos Filipenses e aos Colossenses, e também a Filemom, ele escreveu de Roma (possivelmente já de Cesareia), durante a sua primeira prisão em Roma, por volta dos anos 60 a 62. Todas essas epístolas mencionam a sua prisão. As epístolas foram levadas por Tíquico (6:21-22).

A atuação de Paulo em Éfeso, como cabeça de ponte para toda a Ásia Menor e além, foi muito abençoada: “Isso durou dois anos, de modo que todos os que habitavam na Ásia, tanto judeus como gregos, ouviram a palavra do Senhor. E Deus fazia milagres extraordinários pelas mãos de Paulo, a ponto de levarem aos enfermos lenços ou aventais que haviam tocado o seu corpo, e as doenças os deixavam e os espíritos malignos saíam”, At 19:10-12.

E ainda: “Assim a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia”, At 19:20. Nesse contexto, o discurso de despedida de Paulo aos presbíteros de Éfeso é muito esclarecedor, porque ali ele relembra a sua permanência e o seu ministério de vários anos e descreve o seu trabalho: At 20:17-38.

Timóteo e Éfeso

Sem dúvida Timóteo esteve várias vezes em Éfeso. Certa vez foi deixado ali por Paulo (1Tm 1:3). A primeira epístola a Timóteo (também a segunda) foi enviada a Éfeso, porque Timóteo estava lá. Por essa epístola fica claro que ali havia problemas com falsas doutrinas (gnose, legalismo etc.), dos quais ele devia cuidar.

A tradição histórica e eclesiástica faz de Timóteo o bispo de Éfeso.

João, o apóstolo, e Éfeso

Diz-se do apóstolo João que ele viveu por bastante tempo em Éfeso. Para isso não há, é verdade, um texto bíblico que o comprove, mas há o testemunho de contemporâneos. Na tradição da igreja antiga encontram-se relatos segundo os quais João morreu na Ásia Menor só em idade muito avançada. Justino Mártir relata em meados do século 2 sobre “João, um dos apóstolos”, como uma testemunha que teria vivido “entre nós” (isto é, em Éfeso). Irineu, natural da Ásia Menor (final do século 2), fala em muitas passagens do apóstolo João, que teria vivido na Ásia Menor, e declara expressamente que João escreveu o seu Evangelho em Éfeso e viveu ali até o reinado de Trajano.

A carta a Éfeso, bem como todas as demais cartas às igrejas escritas por João, atestam o seu raio de ação na Ásia Menor.

Outra tradição eclesiástica (católica!) afirma que João, com Maria, a mãe de Jesus, e outras mulheres, mudou-se para Éfeso antes da destruição de Jerusalém.

Vale a pena considerar o fato de que Paulo escreve a Timóteo sobre a perigosa doutrina da gnose, que por sua vez também é combatida por João em suas epístolas.

Conclusão: A igreja da grande cidade de Éfeso foi especialmente privilegiada e favorecida pelas estadias dos 2 apóstolos, bem como dos seus enviados, colaboradores e discípulos, por personalidades

como Apolo e o casal Áquila e Priscila, e pelas epístolas que recebeu (antes do fechamento do cânon do NT).

No ano 431 d.C. realizou-se em Éfeso o 3º concílio da igreja, cujos resultados ainda hoje são reconhecidos. Apesar de tudo, infelizmente nada restou de um testemunho cristão.

Motivo da epístola

Em geral se diz, com razão, que não há para esta epístola um motivo especial como o que se reconhece claramente, por exemplo, na Epístola aos Coríntios ou aos Gálatas. É uma epístola geral, uma espécie de carta circular, sem detalhes pessoais especiais, mas com um ensino amplo e sistemático. Ela desenvolve como nenhuma outra a doutrina sobre a igreja, o corpo de Cristo, bem como sobre Cristo, a cabeça, e a posição celestial do cristão. Éfeso era um centro não só do comércio e das finanças, mas também das religiões de mistério, da idolatria, do ocultismo e da magia. A vida das pessoas era determinada por isso. Os poderes espirituais mencionados várias vezes por Paulo desempenhavam um papel dominante. Eles eram invocados para exercer influência em favor dos próprios interesses. Assim, a sua influência estava presente em toda parte, porém era muito mais ameaçadora do que útil. Desse modo, pode-se encontrar outro motivo em esclarecer os crentes de Éfeso, e com isso de toda a Ásia Menor, sobre esses poderes, com o objetivo de que não tivessem mais medo deles (nem mesmo assumissem algo deles na sua nova fé; veja a esse respeito a Epístola aos Colossenses), mas que estivessem de guarda contra a sua influência diabólica onipresente (luta espiritual). Também se adverte contra doutrinas falsas e estranhas, sem que elas sejam descritas mais de perto (como na Epístola aos Colossenses).

Conteúdo e estrutura da epístola

Paulo revela o eterno conselho e propósito de Deus, que inclui Cristo – o Filho de Deus que se fez homem – e o crente individualmente, assim como a igreja. Para levar esse conselho de Deus ao seu alvo, Cristo precisou morrer e ressuscitar, pois os que agora creem estavam outrora mortos em pecados. Eles são feitos novos seres humanos, adequados para a presença e o futuro de Deus. Já agora o eterno conselho de Deus se torna visível no tempo presente, na vida dos crentes e da igreja.

Esta epístola descreve como nenhuma outra a essência da fé cristã, que está fundamentada em um Filho de Deus que morreu, ressuscitou e foi entronizado à direita de Deus. **Porque um ser humano está lá, junto de DEUS no céu, à sua direita, seres humanos podem estar lá, já agora nELE e em breve com ELE.** NELE estamos lá, nas regiões celestiais, pessoalmente e como igreja, unidos a Cristo para sempre e inseparavelmente.

Estrutura da epístola:

Parte 1: Capítulos 1 – 3 Parte doutrinária (dogmática) A posição de salvação em Cristo – O indicativo da salvação	
Capítulo 1	

Versículos 1 – 14	Louvor e adoração a Deus: o que Deus planeja e faz para si mesmo e o que ELE nos deu de presente; o propósito de Deus para o universo: Cristo, a cabeça, e a nossa parte nisso
Versículos 15 – 23	O que nos é dado conhecer: primeiro o próprio Deus, depois a herança de Deus em nós, o futuro e o seu poder vivificador
Capítulo 2	
Versículos 1 – 10	Outrora e agora – a salvação de Deus: da morte espiritual à nova posição de salvação em Cristo, nas regiões celestiais
Versículos 11 – 22	Não há mais separação entre judeus e gentios: ambos se tornam um novo homem e um novo templo de Deus
Capítulo 3	
Versículos 1 – 13	O ministério especial do apóstolo dos gentios: a igreja do NT, o “novo” povo de Deus, como propósito eterno de Deus
Versículos 14 – 21	Pelo que devemos orar sempre e em primeiro lugar: intercessão e louvor sobre o poder do Espírito, o amor de Jesus e a plenitude de Deus
Parte 2: Capítulos 4 – 6 Parte prática – A vida dos crentes A vida do novo homem – O imperativo da salvação	
Capítulo 4	
Versículos 1 – 16	Exortação à unidade: os dons e os membros do corpo e o crescimento do corpo, a igreja
Versículos 17 – 32	O novo homem: a vida totalmente diferente dos crentes
Capítulo 5	
Versículos 1 – 21	Viver como filhos de Deus: falar e andar como imitadores de Deus, em contraste com o mundo
Versículos 22 – 33	Cristo e a igreja: modelo para a relação entre marido e mulher
Capítulo 6	
Versículos 1 – 9	Pais e filhos – escravos e senhores
Versículos 10 – 24:	A armadura de Deus: guerra espiritual

Círculos temáticos

Na forma de temas principais, o texto aos Efésios é agora tratado. Seguem-se algumas digressões sobre conceitos que aparecem mais de uma vez, mas que, em todo caso, são característicos desta epístola, porque indicam o conteúdo, o alvo e a intenção da epístola. Eles formam uma chave para a compreensão da epístola.

Lugares celestiais – A que distância estão da terra?

(“Um pedaço do céu, um lugar de Deus”)

A expressão “celestiais [lugares]” (gr.: *ἐπουρανίους epouraniois, plural*) é uma expressão central na mensagem da epístola, que vai do trono de Deus, o centro de todo poder, diretamente até o nosso dia a dia.

Essa expressão aparece somente nesta epístola, o que talvez tenha a ver com a situação religiosa especial de Éfeso, o centro da idolatria de Ártemis / Diana e de outros cultos (magia, feitiçaria, ocultismo).

Hoje distinguimos apenas 2 céus: o céu como o lugar onde Deus habita (**invisível**, uma dimensão diferente daquela em que vivemos), e o céu atmosférico, a atmosfera e/ou o universo, onde estão os corpos celestes (**visível**).

Os primeiros leitores desta epístola, gentios e judeus, conheciam o céu em vários níveis (geralmente três ou sete), povoado por diferentes seres espirituais (anjos, demônios, poderes etc.). Em princípio, isso nada tinha a ver com a revelação da Sagrada Escritura, o AT, mas com a crença em deuses, muito difundida, e com correntes de fé especiais ou extremas, também dentro do judaísmo. Essa crença ou concepção não é rejeitada por Paulo, mas pressuposta como dada e real, sem que ele transmita outros conhecimentos sobre ela.

A sua afirmação é que o céu invisível é, por um lado, o lugar do trono de Deus e, por outro, também o âmbito do mundo dos espíritos. Quando ele diz que travamos uma luta espiritual (Ef 6:12) contra os espíritos malignos nas regiões celestiais, então essa luta acontece na terra, isto é, de maneira bem concreta no nosso dia a dia.

Também aqui fica claro que as regiões celestiais se estendem desde o lugar do trono de governo de Deus até as nossas vidas. Essa outra dimensão do céu invisível, essa realidade espiritual, cruza, penetra ou se sobrepõe à nossa dimensão, na qual vivemos. Para o mundo invisível, essa diferença entre visível e invisível parece não existir. Em outras palavras, esses lugares celestiais se encontram, de certa forma, também bem perto de nós.

Esse conceito é, portanto, muito abrangente: de um lado é o trono de Deus, do outro a atmosfera do ar que nos rodeia, onde se encontram os poderes espirituais e invisíveis (2:2).

Cinco vezes Paulo usa a expressão “celestiais [lugares]” e, a cada menção, abre um novo aspecto:

1. 1:3 diz que (somente) ali a riqueza das bênçãos espirituais é dada e recebida.
2. 1:20 mostra Cristo ali, à direita de Deus, sentado no trono de Deus. Esse trono é o centro dos lugares celestiais e mostra “uma das extremidades dos lugares celestiais”.
3. 2:6 deixa claro que também nós fomos levados para lá, porque estamos unidos a Cristo, estamos “em Cristo”. De outro modo, sem estar lá, não poderíamos receber a bênção. Lá é o nosso verdadeiro lar, a síntese da nossa esperança futura. Aqui, porém, trata-se do “agora”, de uma posição ou condição que já ocupamos agora, embora ainda vivamos na terra.
4. 3:10 acrescenta que não só cada crente individualmente (para si, como indivíduo) está lá, mas a igreja como um todo (corporativamente), e que ali ela é vista pelos anjos, como demonstração da ação salvadora de Deus diante do mundo invisível, especialmente diante daquele que se afastou de Deus.
5. 6:12 revela que há uma luta nas regiões celestiais entre o diabo e os seus anjos (demônios) e nós. A sua obra maligna eles a realizam no mundo, na terra. O âmbito celestial cruza, por assim dizer, o

nosso âmbito, no qual vivemos, onde essa luta acontece. A influência do mundo invisível sobre o visível, do céu sobre a terra, é maciça e atual.

Desses textos se reconhece que se trata, por um lado, da proximidade imediata de Deus, da sua morada, do lugar do seu trono. A expressão “*nos [lugares] celestiais*” (... ἐν τοῖς ἐπουρανίοις *en tois epouraniois*) só aparece nesta epístola. Trata-se tanto de uma indicação de lugar, o que se esclarece com o acréscimo “lugares” (ou também: âmbitos, paragens, regiões, mundo celestial) – que não existe no texto grego. Pode-se também traduzir “nas regiões celestiais”. Da mesma forma, trata-se do modo e da maneira, do caráter de uma coisa. As bênçãos não estão apenas nos lugares celestiais, elas são também em si mesmas “celestiais”.

Nessa expressão trata-se também de um contraste, a saber, entre céu e terra, e entre **visível e invisível**. Para nós, este último é provavelmente o acesso mais simples para compreender esse conceito abstrato, embora não seja o único aspecto desses conceitos. Jesus, quando “subiu ao céu”, foi tirado diante dos olhos dos discípulos (At 1:9); em outras palavras, ELE se tornou invisível. Aqui não se trata de Jesus partir para um lugar muito distante, mas de ELE desaparecer no mundo invisível e celestial, junto ao trono de Deus.

A expressão “bênção espiritual” leva Paulo à expressão “nas regiões celestiais”, uma ligação que de modo algum é casual. O antigo Israel recebeu a bênção do Altíssimo, a saber, bênçãos *terrenas*: uma terra própria, colheitas fartas, descendência, saúde.

Mas agora se trata de uma bênção como antes não existia, e que também não pode ser alcançada por seres humanos. Antes havia bênção na terra. Agora há bênção no céu, ou seja, bênçãos celestiais. E isso significa que precisamos estar lá, se quisermos recebê-la. E essa é exatamente a mensagem que está na expressão “lugares celestiais”: o céu está aberto para nós, lá é o nosso lugar, a nossa pátria, o nosso lar. Ao contrário de Israel, nós somos um povo celestial. Deus quer nos ter junto de si, e o caminho até lá está livre por meio do Filho de Deus e Filho do Homem ressuscitado e glorificado. Ele nos conduziu a Deus, não só para resolver o problema da culpa, mas para nos levar para casa, ao coração de Deus. Como o filho pródigo, somos recebidos pelo nosso Pai celestial em sua casa e ali presenteados com tudo o que o Pai possui (Lc 15:11-32). Fomos adotados e acolhidos como filhos e, como tais, somos herdeiros a quem pertence tudo o que o Pai possui.

Por que as bênçãos espirituais nos são dadas justamente “nas regiões celestiais”? Porque, segundo o desejo de Deus, devemos estar onde está o Cristo glorificado e celestial. Com ele estamos unidos para sempre, de forma indissolúvel, pessoalmente e juntos como seu corpo, a igreja.

Ao mesmo tempo, sempre continuaremos sendo seres humanos, criados à imagem de Deus. Mas, pela intervenção de Deus em Cristo, um dia traremos a imagem do celestial, e então também nós seremos *celestiais* (1Co 15:48-49). Há seres que sempre pertenceram a essa região. Nesta epístola eles são chamados de potestades e principados. São anjos (Fp 2:10), seres celestiais. Nós somos seres terrenos que, por meio de Cristo, se tornam celestiais, semelhantes a Cristo. Isso jamais se aplicará aos anjos.

Não é só a Epístola aos Efésios que enfatiza a natureza celestial do cristão. É a revelação de todo o NT que a igreja é um povo celestial:

- O Filho de Deus veio para nos revelar as **coisas celestiais (τὰ ἐπουράνια)**, o que antes não era conhecido e só podia ser comunicado pelo próprio Filho de Deus, vindo do céu (Jo 3:12)

- Temos parte no **reino celestial** (εἰς τὴν βασιλείαν αὐτοῦ τὴν ἐπουράνιον/ ... para dentro do seu reino celestial) do nosso Senhor Jesus Cristo (2Tm 4:18)
- Estamos na **vocação celestial** (κλήσεως ἐπουρανίου μέτοχοι), *chamados do céu para o céu* (Hb 3:1)
- Recebemos um **dom celestial** (τῆς δωρεᾶς τῆς ἐπουρανίου), que provamos, isto é, desfrutamos (Hb 6:4)
- Os patriarcas já aspiravam (ἐπιζητοῦσιν, buscavam, esperavam ansiosamente) por uma **pátria** (πατρίδα) **celestial** (τοῦτ' ἔστιν ἐπουρανίου), e nós muito mais (Hb 11:13-16)
- Temos uma **cidadania nos céus** (Fp 3:20)
- (τὸ πολίτευμα ἐν οὐρανοῖς ὑπάρχει)
- Temos uma **esperança** que está guardada **nos céus** (Cl 1:5)
- (διὰ τὴν ἐλπίδα τὴν ἀποκειμένην ὑμῖν ἐν τοῖς οὐρανοῖς,)
- Pensamos nas **coisas lá do alto, onde Cristo está** (Cl 3:1-4)
- => Uma **herança** que não murcha está reservada para nós **nos céus** (1Pe 1:4) τετηρημένην ἐν οὐρανοῖς
- Não olhamos para o que se vê com os olhos, mas para o que se vê pela fé com os olhos do coração, **coisas** que não são temporais, mas **eternas**. Trata-se de um **eterno peso de glória** (2Co 4:16-18)
- Contemplamos com os olhos do coração a (ainda invisível) **glória de Cristo no céu** (2Co 3:18; At 7:55)

O céu está aberto... É a mensagem do NT que o céu, no qual Deus estava oculto para nós, seres humanos, especialmente para os gentios, agora está aberto (o véu do templo se rasgou quando Jesus morreu), e que o acesso foi aberto não para o santuário terreno, judaico, mas para o santuário celestial.

Como uma escada para o céu... É igualmente a mensagem do NT que Deus se revela do céu no Filho e se mostra como ele realmente é. É como uma *escada para o céu*, que liga a terra e o céu e pode ser percorrida em todas as direções (Jo 1:51; Gn 28:12). Deus vem até nós e nós vamos até ele. Nesta epístola olhamos até o trono de Deus, no qual o nosso SENHOR ocupa o mais alto lugar de honra, e, no entanto, ao mesmo tempo ELE habita em nós, que ainda estamos na terra (3:17). E, nesse sentido, temos a bênção espiritual como aqueles que ainda estão na terra. Os lugares celestiais estão, por assim dizer, com toda a bênção, em nossos corações. Por isso esses lugares celestiais estão bem perto, e não a anos-luz de distância.

Transportados para o céu... em Cristo... lá, nELE

Como crentes, fomos transportados para lá em Cristo. “Em Cristo” (ainda) não é “com Cristo”. “Em Cristo” descreve a nossa posição ou condição que temos nELE. Isto é, Deus nos vê como estando **em Cristo**; por isso já estamos **lá, nELE**, e compartilhamos a sua posição de vitória no trono de Deus. A nossa posição de salvação não pode ser mais elevada nem mais segura.

Para Deus, que também quer nos ter lá, literal e corporalmente, nesse lugar, isso já é verdade agora, porque no seu propósito o cumprimento já está garantido antes que o alvo seja alcançado.

Um exemplo para ilustrar, já que nós, que pensamos em termos de espaço e tempo, temos dificuldade em imaginar que já estamos agora nas regiões celestiais:

Um representante eleito do povo defende os interesses dele no parlamento. Assim, os que o elegeram estão, por assim dizer, presentes e representados ali no parlamento, nesse representante. Assim também nós, por meio de Cristo e em Cristo, estamos representados no céu, junto ao trono, no centro do poder.

Mais um exemplo, que mostra como se vive na prática nas regiões celestiais:

Uma certa espécie de aranha aquática vive debaixo d'água, mas respira dentro de uma bolha de ar, ou a partir dela, que levou consigo da superfície para debaixo d'água. Assim também nós vivemos já aqui a partir desse mundo celestial, nele e dele, mundo que Cristo enche. A condição para uma vida assim é, naturalmente, buscar as coisas celestiais, conhecer as coisas celestiais.

A separação foi abolida...

A separação entre o mundo visível e o mundo invisível, entre a terra e as regiões celestiais, já foi abolida agora para os crentes: eles têm acesso ao Pai. Na era vindoura, quando Cristo for a cabeça de todas as coisas, essa separação também chegará ao fim de forma global.

A antiga crença dos efésios nos deuses...

Na antiga crença dos efésios, as regiões celestiais eram o domínio dos deuses, que influenciavam e determinavam a sua vida. Eram seres hostis, aos quais se estava entregue por causa da sua superioridade de poder. O mundo invisível era, por um lado, perigoso, porque não se sabia exatamente o que se passava ali. Esse âmbito tinha grande importância e grande atração; os deuses deviam ajudar a alcançar os próprios objetivos. O ocultismo e a magia, assim como fórmulas mágicas, deviam tornar os deuses dóceis. Desse medo os efésios agora estavam livres; sim, eles tinham até sido transportados para esse âmbito, mas elevados acima dos poderes que ali estão. Em Cristo, tinham sido transportados para o centro do poder; os poderes já não podiam prejudicá-los. Com isso, eles estavam não só acima dos poderes, mas também acima das estrelas, que, segundo as suas concepções, determinavam o destino dos seres humanos.

Bênçãos espirituais no mundo celestial: o que é isso?

O que se pode desejar mais do que ser abençoado por Deus? Ele o fez e nos abençoou. Esse é o nosso Deus; ninguém é como ELE.

A bênção é de natureza espiritual e celestial. Com isso, essa bênção é contraposta à bênção terrena, material. Ela é dada nos céus.

Será que por isso não temos bênção terrena? Certamente temos também bênção terrena. O nosso Pai celestial é o preservador de todos os seres humanos, especialmente, porém, dos crentes (1Tm 4:10). Mas a bênção terrena (e infelizmente às vezes a confundimos com abundância) não nos é prometida nem garantida. Não podemos reivindicá-la. Devemos ser gratos quando temos alimento e vestimenta – isso é bênção terrena (1Tm 6:8). Vivemos numa criação caída, que está debaixo da maldição. A bênção

espiritual não anula a maldição e as consequências do pecado, mas transforma e enche o nosso coração.

A bênção espiritual existe em riqueza e abundância; *todas* as bênções nos foram dadas. Essa é uma verdade tremenda, que vai além do comer e do beber e de toda riqueza terrena. Aquilo que até então era inalcançável para os seres humanos torna-se agora propriedade nossa. Aquilo que constitui a glória, a riqueza, o amor, a pureza e a vida do céu, isso nos é dado agora em Cristo. Deus, o Pai do nosso Senhor Jesus Cristo, nos faz participar, em Cristo, o Filho do Homem ressuscitado e entronizado, das bênções na glória do céu. **Um ser humano glorificado no céu nos abre o caminho e nos leva consigo à câmara do tesouro celestial de Deus.**

Todas as bênções espirituais que há lá tornaram-se propriedade nossa. Somente em Cristo recebemos o que nenhum ser humano jamais ousaria sonhar. Deus sacrificou o seu único Filho e não o poupou por amor de nós. Ele nos dará com ele toda bênção imaginável (Rm 8:32).

Mas será que sabemos quais são as bênções e os tesouros celestiais que nos foram dados em Cristo, dos quais Paulo fala justamente aqui?

Se Paulo coloca a afirmação sobre a bênção logo no início da sua epístola, como um resumo do conteúdo, então devemos também procurar as bênções primeiro nesta epístola e, depois, além da epístola, procurar no NT paralelos e outras bênções. Nessa busca distinguimos entre aquilo que Deus fez em nós e aquilo para o que ele nos fez, e aquilo que recebemos. Uma coisa é o caminho e o acesso aos tesouros, a outra é o próprio tesouro.

Em nossa expedição por esta epístola extraordinária encontramos bênções impressionantes. Também os espias que exploraram Canaã às vezes não acreditavam nos próprios olhos (Nm 13). A abundância agrícola era impressionante. Ela de fato devia pertencer a eles. **O que encontramos na Epístola aos Efésios pertence a nós aqui e agora**, tudo, sem exceção, ainda que uma parte da bênção só seja tomada em posse no futuro. Não esperamos por uma bênção especial; nós a possuímos. Mas é preciso pegar, buscar, contemplar e desfrutar, para que a riqueza nos dê também a consciência de que, como filhos de Deus, somos ricos, e não apenas o seremos no futuro. Devemos conhecer a nossa herança. “Mas tu és rico”, diz Cristo à igreja em Esmirna (Ap 2:9), que era pobre em valores materiais. Aqui se trata de riqueza espiritual, não de dinheiro, casas e carros. É de grande importância para a nossa vida de fé diária conhecer a riqueza que Deus deu. De que adianta a uma pessoa, se ela não sabe que já é proprietária e herdeira de grandes riquezas e, no entanto, vive na pobreza? O seu pensar, a sua atitude diante da vida e a sua esperança seriam totalmente diferentes se ela soubesse! Por isso Paulo ora (duas vezes nesta epístola: 1:15-18; 3:14-19) com tanta intensidade para que os olhos do nosso coração sejam abertos, a fim de conhecermos a bênção. Deus não nos prescreve uma vida cristã de bitola estreita! Ele leva a sério que devemos viver na plenitude e nas insondáveis riquezas de Cristo! Pobreza exterior e também perseguição no mesmo momento não são contradição a isso! Vale o princípio da fé e da esperança: já agora – e ainda não! Mas em breve o “ainda não” terminará e entraremos na posse da nossa herança, junto com Cristo.

O chamado evangelho da prosperidade é uma contradição, porque confunde a bênção espiritual com a terrena, ou antecipa o céu. A piedade não é um meio de lucro material ou financeiro.

Começemos a nossa busca. No versículo 11 se diz que obtivemos uma **herança**. Como filhos de Deus, nos tornamos herdeiros de Deus (Rm 8:17; Tg 2:5). Qual é a herança? Trata-se em primeiro lugar de Cristo, a quem Deus, como herdeiro de todas as coisas (Hb 1:2), colocará acima de tudo. Ele já agora

está acima de todas as coisas, mas em breve isso se tornará manifesto, isto é, visível para toda a criação. Nesse domínio em glória nós temos uma parte. Estamos ali bem de perto. Como igreja, somos o seu corpo, ao qual será entregue a administração de todas as coisas. Essa é uma bênção futura, da qual já temos agora o sinal. Vivemos diante desse horizonte de glória; o caminho não vai para baixo, mas para cima.

Em ligação com a herança há outra bênção celestial: o **Espírito Santo**, que é o penhor e o sinal para a garantia e o resgate da herança (1:13-14). O Espírito é, portanto, propriedade nossa e nos foi dado como o Espírito de sabedoria e de revelação (1:17). O Espírito nos familiariza com a riqueza, e é ele que nos conduz ao Pai (2:18). É o Espírito que nos fortalece no homem interior; portanto, uma bênção que pode ser experimentada diariamente (3:16; veja também 4:23, 30; 5:18; 6:18, 17). É o Espírito de Deus, por meio do qual surgiu a comunhão do corpo de Cristo, e que a vivifica e a permeia (4:3). Essa bênção não é uma coisa, mas uma pessoa, uma pessoa divina.

O **Espírito Santo** foi enviado do céu, e ele nos introduz na verdade divina para que conheçamos (aprendamos a conhecer) as coisas que nos foram dadas por Deus (1Co 2:12; Jo 16:13; 14:17). Nesta epístola ele é mencionado 13 vezes, e isso certamente exige a devida atenção. Ele mesmo é para nós um dom celestial e é, ao mesmo tempo, aquele que abre as coisas do céu aos olhos do coração.

A realidade, o fato de que esse Espírito habita em nós, não é uma doutrina abstrata, mas uma realidade espiritual de vida, que pode codeterminar e permear cada ação, cada acontecimento da nossa vida, quando damos espaço ao Espírito de Jesus. Somente onde ELE recebe espaço, ELE pode preenchê-lo. Nós temos o Espírito; mas o Espírito também deve ter a nós!

Em ligação com o Espírito Santo, outra bênção celestial tornou-se propriedade nossa: **o acesso ao Pai como seus filhos e a comunhão com ele**. Por meio dele, o Espírito, judeus e gentios têm agora juntos acesso ao Pai (2:18; 3:12). Essa é uma bênção tanto espiritual quanto celestial. É espiritual, porque a experimentamos pela fé. É celestial, porque é o nosso Pai celestial, que habita no céu. Nesse “lugar” nos aproximamos de ELE. É de tirar o fôlego, especialmente do ponto de vista de antigos pecadores, que possamos nos apresentar diante do Pai sem medo, na consciência de uma aceitação perfeita como filhos. Esse não é o momento do arrependimento diante de Deus. Esse é um privilégio permanente. Ali cultivamos interesses comuns. Ocupar-se com o Filho do amor do Pai é um deles. Ali podemos expor a nossa vida, todas as alegrias, todo o sofrimento. Ali experimentamos consolo e encorajamento. Ali encontramos graça para o tempo oportuno.

A comunhão com o Pai e com o Filho é descrita especialmente pelo apóstolo João em seu Evangelho e em suas epístolas. Temos a vida eterna, a vida do céu, da casa do Pai, no Filho.

A **comunhão dos crentes** é uma bênção celestial. É um povo celestial, criado pelo Espírito. Todos os crentes compartilham a mesma vida e têm o mesmo alvo. Essa ligação, essa unidade dos filhos de Deus em um só corpo e em uma só casa, era o plano eterno e, por isso, celestial de Deus. Eles compartilham a mesma vida e estão unidos com o celestial. É um pedaço do céu quando os crentes cultivam entre si uma comunhão cordial, tratam uns aos outros com amor, ajudam-se e apoiam-se em espírito, alma e corpo. O diabo pode roubar essa bênção, isto é, o desfrute dessa bênção, por meio da discórdia na igreja.

As bênções devem ser o nosso ganho prático. Levemos a sério explorar e experimentar a nossa riqueza. Não fiquemos parados no conhecimento de que somos pecadores perdoados, mas sigamos adiante para reconhecer a nossa posição de salvação em Cristo e, nesse sentido, também “estar firmes

no Senhor”. A tática do diabo é nos distrair disso, para que vejamos apenas a renúncia e as dificuldades, especialmente em comparação com as pessoas ao nosso redor, que talvez estejam em melhor situação, que podem viver e fazer o que quiserem. Esse olhar nos desgasta e nos tira a alegria que deveríamos ter. Façamos como Israel: conquistemos também a terra que já nos pertence. Essa é a vontade de Deus: tome posse daquilo que ele lhe deu! Seja e viva aquilo que você se tornou!

Eleição (predestinação): apenas um tema de controvérsia?

Logo no início da epístola se diz que os efésios foram eleitos antes da fundação do mundo (1:4) e predestinados para a adoção de filhos (1:5). Eleição e predestinação estão relacionadas neste contexto: a primeira descreve uma escolha; a segunda, uma intenção concreta, que, no entanto, pode ser precedida por uma escolha.

Poder-se-ia encher uma biblioteca inteira com livros sobre esse tema. O ponto de controvérsia, como se sabe, está na disputa sobre o livre-arbítrio do ser humano e a soberania de Deus. Essa disputa não tem saída porque geralmente é conduzida como uma discussão de “ou isto – ou aquilo”. Ou é a escolha soberana de Deus que leva uma pessoa ao arrependimento, ou é a livre decisão ou escolha da pessoa que, tocada pelo evangelho, se arrepende.

Precisamos reconhecer que há muitas verdades bíblicas que não conseguimos explicar, isto é, que são difíceis de imaginar para nós (para o nosso entendimento). Isso se refere, por exemplo, à pessoa de Jesus, que era ao mesmo tempo Deus e homem. Isso se refere também ao fato de que Deus é ao mesmo tempo um e, no entanto, 3 pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo. Os limites do nosso conhecimento, também como filhos de Deus, referem-se, porém, também a questões existenciais da vida, como, por exemplo, a questão do sofrimento, talvez em nossa vida, mas em todo caso o sofrimento imerecido no mundo.

O mesmo vale para o tema da pré-eleição. Como pode haver eleitos e outros que não o são? Se optássemos por uma escolha limitada de Deus, com razão se poderia objetar: por que o evangelho deve ser anunciado a todas as pessoas? Se, por outro lado, optássemos pela ideia de que qualquer um pode se converter por livre escolha, então a eleição não faz sentido, ou quase nenhum.

A eleição não torna desnecessária uma decisão de fé do pecador. O pecador é chamado ao arrependimento e à fé, apesar da eleição.

Aprendi e me foi dado tornar minha esta convicção: a responsabilidade do ser humano e a ação do Deus soberano na eleição não se excluem mutuamente, mas existem ao mesmo tempo. Com isso, a tensão dessa simultaneidade de dois elementos aparentemente contraditórios não fica explicada nem resolvida. Precisamos suportar essa tensão, assim como isso vale também para muitas questões em nossa vida pessoal de fé.

Aqui se trata da grandeza do nosso Deus, e não da do nosso entendimento.

Uma comparação pode ajudar. Uma linha de trem consiste em dois trilhos, que precisam sempre correr paralelos e nunca se cruzam. Assim é com a soberania de Deus, na qual ele faz a sua escolha, e assim é com a responsabilidade do ser humano, que precisa se converter. A linha representa, em imagem, a história da salvação, na qual esses dois aspectos sempre podem ser vistos. É um mistério divino e, por isso, insondável, como Deus chega ao seu alvo, e isso de tal modo que ele é glorificado e ninguém jamais lhe pode fazer uma acusação. No horizonte, os trilhos então se juntam. Assim será no

fim: Deus revelará também esse mistério, e o que é perfeito terá chegado. Então compreenderemos o seu agir muito melhor (1Co 13:9-10).

Os **dois aspectos** encontram-se também na Paixão de Jesus Cristo. De um lado, está a plena responsabilidade de todos os que participaram, direta ou indiretamente, do assassinato de Jesus. O outro lado é o ato de Deus, que entregou o seu Filho como Cordeiro de Deus, como sacrifício pelo pecado. Essa é a sabedoria de Deus. Os assassinos não terão desculpa, como se pudessem apelar para o plano de Deus. Eles são plenamente responsáveis pelo assassinato de Jesus. Mas é a graça infinita de Deus que até mesmo os assassinos possam ser perdoados com base no sacrifício de Jesus!

C.H. Mackintosh comparou as ênfases unilaterais – seja a da soberania de Deus, seja a da responsabilidade do ser humano – a um pássaro que tem só uma asa, ou a um barco que se quer impulsionar com um só remo. Não podemos resolver a tensão que existe entre esses dois polos. Ela permanece até estarmos na luz. Em vez de tentar resolver essa tensão, devemos deixar que o tremendo impulso da graça divina atue em nós, deixar que ele nos encha como um poderoso conforto e encorajamento, que também precisa se tornar visível no zelo pelos perdidos.

Fomos eleitos – tirados do mundo (Jo 15:19). A sua escolha dá preferência aos fracos e aos pobres do mundo (1Co 1:27-28; Tg 2:5). Por isso podemos falar de um decreto de graça. Os eleitos de Deus desfrutam da sua proteção especial (Rm 8:33). Eles têm também deveres especiais (Cl 3:12). Somos eleitos como criaturas individuais (Jo 1:13), mas também como igreja inteira (Ef 3:8-11; 1Pe 2:9). O apóstolo Paulo estava seguro da eleição dos tessalonicenses, porque via neles a obra da fé (1Ts 1:4). Até onde sabemos, ele não tinha acesso ao conselho eterno de Deus sobre quem alcançaria a salvação ou não. Antes, ele trabalhava ainda mais para que os eleitos alcançassem a salvação (2Tm 2:10).

Todo crente pode se alegrar com isso e tirar coragem do fato de já ter sido conhecido no coração de Deus antes de todos os tempos, de já naquela época ter sido conhecido de antemão e amado por Deus.

Adoção de filhos e filiação: simplesmente a mesma coisa?

Outrora éramos “filhos da desobediência” (2:2; 5:6) e “filhos da ira” (2:3); agora somos filhos de Deus, pois fomos predestinados para a adoção de filhos (1:5), e somos “filhos amados” de Deus (5:1). Assim podemos viver como “filhos da luz” (5:8). Como filhos (no sentido de *Kinder*, crianças) e filhos (no sentido de *Söhne*, filhos adultos) temos, por meio do Espírito Santo, livre “acesso ao Pai” (2:18; 4:6; 5:20).

No tempo de Paulo valia entre os romanos que uma criança era propriedade do pai, assim como a esposa e os escravos. Filho, e com isso também herdeiro, ele se tornava ao atingir a maioridade. Como filho, ele estava numa posição diferente da de uma criança: tornara-se um interlocutor do pai e o seu sucessor. No direito romano havia também a adoção como filho, que tornava o adotado herdeiro e cortava para sempre todos os antigos laços familiares.

O crente é ao mesmo tempo filho adulto e filho criança. Não é como na vida normal, em que uma criança se torna filho adulto e então já não é criança. O apóstolo João mostra, é verdade, exatamente esse processo de crescimento (1Jo 2:13-17), mas também ali vale que somos ao mesmo tempo crianças e filhos. Em outras palavras, um filho de Deus deveria ser espiritualmente adulto. Essas duas

designações, que são ao mesmo tempo posse da fé, descrevem aspectos diferentes da nossa relação com Deus, o nosso Pai.

A **filiação como criança** (*Kindschaft*) fala de nascimento, isto é, novo nascimento, vida que vem de Deus, de segurança e de herança (Jo 1:12; Rm 8:16-17, 21; 1Jo 3:1-2, 10; 4:2). A **adoção de filhos** (*Sohnschaft*) fala de aceitação, isto é, adoção, de maturidade espiritual e também de herança. Quanto à origem, vale: torna-se filho de Deus (criança) pelo nascimento; filho de Deus (adulto) pela adoção.

A adoção de filhos é uma relação de confiança na qual dizemos a Deus: ABBA, (querido) Pai! Rm 8:15; Gl 4:6. Deus nos adotou como filhos para si mesmo, nos quais ELE se alegra (1:5) e com os quais ELE pode falar sobre os seus planos eternos (Ef 1). A redenção do nosso corpo tornará completa a nossa adoção de filhos (Rm 8:23). Então o Filho de Deus será visto em nós e por meio de nós pelo próprio Deus e por todos os seres humanos. Além disso, a adoção de filhos tem a ver com a disciplina de Deus (Hb 12:5-7), com santidade (2Co 6:17), com liberdade da Lei (Gl 4:7) e com glória, agora e no futuro (Hb 2:10).

A Epístola aos Efésios revela o plano eterno de Deus, que ele quer compartilhar com os seus filhos, e revela o futuro de Deus, que ele – com o Filho único do Pai como centro eterno – quer compartilhar com os seus muitos filhos (e filhas) adotivos.

O Senhor Jesus Cristo nunca é chamado “filho de Deus” no sentido de criança; ELE não passou por um novo nascimento. ELE é o eterno Filho de Deus e do Pai (2Jo 3). ELE sempre o foi; ELE não se tornou Filho por adoção, como nós. Como Filho de Deus, ELE é o modelo, o “protótipo” da nossa adoção de filhos: em breve seremos conformes à imagem do Filho, para que ELE seja o primogênito entre muitos irmãos (Rm 8:29).

Como homem, ELE é também o Filho de Deus, porque como tal foi gerado pelo Espírito Santo, por Deus, e não por José, o seu pai legal.

Assentar-se – andar – estar firme: a ordem de Deus

Este é o título de um dos livros abençoados do chinês Watchman Nee. Com base em Efésios, ele explica a vida cristã com esses conceitos. Essa ordem corresponde ao que Efésios nos transmite. O ato salvador de Deus, como é descrito no capítulo 2, nos leva da morte espiritual para a vida e, em Cristo, até o trono de Deus. Ali Cristo tomou o seu lugar e, porque estamos nELE, o mesmo vale para nós. **A nossa posição de salvação está em Cristo, e ela inclui que também nós estamos sentados e chegamos ao descanso na plenitude da salvação de Deus.** Isso inclui uma completa atribuição da salvação em Cristo, visto que tudo o que era necessário para pôr fim ao velho e criar o novo foi consumado por Cristo. É a salvação plena, a salvação perfeita, que nos é dada em Cristo de uma vez por todas, irrevogavelmente. A partir do capítulo 4 da epístola vale então o título do versículo 1: “Andem de modo digno da vocação com que vocês foram chamados!” A partir do descanso, a partir da salvação segura, começa o andar cristão. O andar não é um esforço para alcançar essa posição, mas exatamente o contrário. Vivemos cada dia com o conhecimento firme de que fomos aceitos de uma vez por todas. Como cristãos, vivemos a partir da salvação, não em direção a essa salvação, nem muito menos com o risco de perder essa salvação. Somente com esse conhecimento podemos estar realmente em condições de corresponder à responsabilidade na qual essa vocação nos colocou.

Como terceira “postura corporal” do homem interior, espiritual, vem o **estar firme**. O homem espiritual consegue, ao contrário do nosso corpo terreno, assumir as 3 posturas ao mesmo tempo. Ele está sempre sentado com Cristo nas regiões celestiais; esse lugar ele nunca mais deixa! Ao mesmo tempo nos encontramos constantemente em nosso dia a dia, onde o novo homem, do qual nos revestimos na salvação, anda. Por último vem o estar firme, o ser perseverante. A exortação a estar firme, isto é, a ser perseverante e inabalável, mostra que podemos ser expulsos pelo inimigo e pelo mundo da posição na qual fomos colocados, da plenitude de bênçãos na qual fomos postos. Isso soa contraditório, porque acabou de ser enfatizado que essa posição não pode ser perdida. Isso está correto, mas o inimigo de Deus, o diabo e o seu exército de anjos, quer que esqueçamos o conhecimento dessas verdades da salvação e a plenitude de bênçãos, que elas não signifiquem mais nada para nós e que vivamos como o mundo, que não conhece a Deus.

Há, portanto, 2 lados da nossa salvação: o objetivo e o subjetivo, o indicativo da salvação e o imperativo da salvação. O lado objetivo da nossa salvação é intocável, para sempre. O lado subjetivo inclui o que fazemos dela em nossa vida, se a colocamos em prática, se realmente andamos de modo digno dessa vocação. A isso pertence o “estar firme”. O “estar firme” significa que a posição de salvação, a plenitude da salvação e das bênçãos (ou o desfrute da bênção) é realidade prática do nosso dia a dia.

A igreja do NT: desde quando ela existe? (Ef 2 + 3)

À primeira vista essa pergunta parece sem fundamento, ou, perguntando de outra forma: ela é de fato relevante? Naturalmente a igreja em Éfeso surgiu pelo trabalho missionário de Paulo. A igreja de Éfeso conhecia a hora do seu nascimento. A hora do nascimento da igreja mundial, porém, está 3 décadas antes: no Pentecostes, em Jerusalém, surgiu a igreja do NT, a igreja de Jesus Cristo, pelo batismo com o Espírito Santo (1Co 12:13). Assim como o próprio Jesus havia anunciado, todos os crentes, os filhos de Deus dispersos, foram “embebidos” em um só Espírito e com ele, pelo que todos eles foram unidos pelo Espírito em um só corpo (corpo espiritual), e esse corpo se tornou o corpo de Cristo, unido à cabeça celestial.

Essa igreja não existiu no AT. Isso não era possível, porque o Espírito Santo não habitava nos seres humanos na terra como agora é o caso nos crentes do NT. Também não havia ainda no AT uma cabeça celestial, nenhum Cristo que tivesse descido e subido. Não há uma Igreja ou igreja desde Adão, à qual os crentes pertencessem.

Mas a pergunta do título ainda não está totalmente respondida com isso. Paulo interrompe o fluxo da sua escrita no início do capítulo 3 e insere uma frase intercalada. Ele enfatiza a particularidade do seu ministério apostólico. Como o apóstolo dos gentios, ou para os gentios (Gl 2:7), ele havia recebido uma revelação especial. Deus lhe mostrou e confiou algo que antes não era conhecido. Ele chama isso de “**mistério de Cristo**”. Ele já o havia descrito brevemente no capítulo 2. Ali ele descreve como a ação salvadora de Deus já não se limita ao seu povo terreno, mas vale para todos os seres humanos. Nisso, os gentios não são incorporados ao status do antigo povo de Deus – o que teria sido uma bênção considerável –, mas Deus cria algo novo a partir de ambos, a saber, um novo homem e um novo templo. O que no capítulo 2 ainda não chama a atenção, Paulo descreve no capítulo 3 com palavras cheias de emoção: essa ação de Deus não é uma reação à situação totalmente perdida dos gentios, e não menos dos judeus, que se haviam tornado culpados da morte do Messias; não é um plano de emergência, mas o seu propósito eterno e soberano. Antes de todos os tempos, Deus tinha esse plano

extraordinário de criar a igreja, e isso a partir de todos os seres humanos. Nesse plano a respeito da igreja desdobra-se toda a riqueza de Cristo.

Paulo diz que esse propósito não era conhecido por nenhum ser humano no AT. Portanto, procura-se em vão no AT por afirmações sobre a igreja. Afirmações tipológicas e figuradas existem, sim, mas elas só puderam se tornar isso depois que a igreja passou a existir.

O fato de a igreja do NT não ser simplesmente uma continuação da história de Deus com o seu antigo povo Israel tem um significado importante. A igreja do NT não substitui Israel como povo terreno de Deus, nem assume as promessas feitas a Israel. A igreja entra em cena como algo novo, a partir do propósito eterno de Deus, e, como tal, não tem a ver diretamente com a história de Israel. Essa história é apenas suspensa, interrompida por um determinado tempo. Esse tempo é o tempo da igreja, que dura até que essa igreja seja arrebatada para o céu. Com Israel, Deus chegará ao seu alvo; todas as suas promessas e profecias sobre o seu povo terreno serão cumpridas.

Vivemos em um tempo em que a história da igreja de Jesus está perto do fim. Para cumprir as profecias a Israel, tal nação precisa também estar nessa terra. Isso já se cumpriu, ainda enquanto a igreja cristã está na terra. Já vivemos numa espécie de tempo de transição, em palavras bíblicas, nos últimos tempos!

Com isso, a Epístola aos Efésios confirma a posição celestial da igreja e deixa claro que não pode haver nada maior da mão de Deus do que pertencer a essa corporação espiritual que é chamada “corpo de Cristo”. Nada semelhante é dito nem de Israel nem de qualquer outra nação ou grupo de pessoas.

Voltemos mais uma vez brevemente à relação entre a igreja do NT e Israel. Na ação de Deus há uma continuidade e também uma descontinuidade. Isso significa que Deus, por um lado, avança em sua história da salvação, como havia sido prometido no AT. Assim, por exemplo, a palavra de Joel sobre o derramamento do Espírito Santo teve, em At 2, no Pentecostes, um cumprimento prévio ou parcial. A Nova Aliança, anunciada no AT, inclui a igreja. Mas, por outro lado, Deus começa com a igreja também algo totalmente novo. Neste ponto uma breve excursão pela Epístola aos Romanos provavelmente será útil. No capítulo 11, a ação salvadora de Deus para a bênção da humanidade é comparada a uma oliveira.

A oliveira é uma imagem da bênção de Deus: como ela é prometida e a quem ela cabe, quem a perde e quem a ganha, e como no fim ela é desfrutada de novo também por aqueles que outrora a haviam desperdiçado.

A oliveira não representa especificamente o povo de Deus, Israel, mas mostra o âmbito da bênção, como ela é prometida aos patriarcas e como ela se cumpre em Cristo. O povo de Israel estava primeiro debaixo da bênção, e o ponto culminante teria sido aceitar o Messias, que em pessoa era a bênção dos patriarcas. Apenas alguns o fizeram e receberam a bênção. Os outros foram cortados. Os poucos foram unidos aos crentes dentre as nações. Também estes têm agora, pela fé, parte nas bênçãos dos patriarcas. Também eles são herdeiros e filhos espirituais de Abraão, filhos da promessa. Mas os ramos originais e naturais não permanecem na incredulidade. Chega o dia em que serão salvos e enxertados de novo e reencontrarão o caminho de Deus, quando experimentarão, como nação, como Israel étnico, a bênção outrora prometida.

Os crentes não judeus não são incorporados no sentido de se tornarem Israel. Como poderiam as nações se tornar israelitas? Em sua nova posição compartilham as mesmas bênçãos que os crentes judeus, mas em sua nova posição não há judeu nem grego, Gl 3:28.

A imagem da oliveira, ainda que tenha sido concebida pelo próprio Deus, não deve ser forçada além da conta. **A oliveira representa o sistema das bênçãos dos patriarcas, desde a aliança de Abraão até a Nova Aliança. O crescimento da árvore é o andamento da história. A oliveira é uma espécie de corredor de bênção através da história, no qual se entra pela fé.** Esse corredor inclui muitos pensamentos de Deus, também a igreja, e conduz até o fim da sua história, que ele mesmo escreve no recôndito e na soberania do seu trono.

A plenitude de Deus: o alvo de todas as coisas

A riqueza insondável de Cristo rompe todos os diques e inunda o mundo inteiro, não para afogar os seres humanos como no dilúvio, mas para enchê-los dessa riqueza fabulosa de Cristo e enxertá-los no corpo de Cristo, a igreja, e para torná-los herdeiros, a fim de que possam viver o dia da restauração de todas as coisas, quando Cristo se apresentar para se tornar a cabeça de todas as coisas no fim dos tempos.

O conceito “plenitude” e “encher”, assim como conceitos aparentados com eles, aparecem várias vezes nesta epístola:

- Riqueza da graça, que ELE fez **transbordar** sobre nós (1:8)

Temos um Deus que dá, que presenteia a partir da sua superabundância, por causa do seu **grande** amor.

- ... a igreja, que é o seu corpo, a **plenitude** daquele que **enche** tudo em todos (1:23)

Aqui a igreja tem o privilégio de tirar o fôlego de levar Cristo à plenitude. Não que ele jamais precisasse de alguém, mas trata-se do fato de que a igreja é o seu corpo. Deus toma o homem Jesus glorificado e o dá de presente à igreja, para ser a cabeça da igreja. Esta, por sua vez, se torna o seu corpo, com o que ELE está completo **como homem** (não como Deus, o Filho). Outra imagem do capítulo 5 deixa mais claro o que isso quer dizer: Cristo se une à igreja assim como marido e mulher se tornam uma só carne, como outrora Adão e Eva. Com a igreja, Cristo é levado à plenitude, e nós estaremos para sempre nessa união. Cristo também sempre se mostrará assim e sempre será visto nessa união com a igreja, por seres humanos, anjos e Deus. ELE, como cabeça, junto com o seu corpo, encherá tudo. O universo inteiro levará esse selo da sua onipresença e da sua bênção.

- ... para que vocês **sejam cheios de toda a plenitude de Deus** (3:19)

Esse é o alvo e a bênção de Deus para nós. Somente em Deus chegamos à plenitude e ao descanso. Não desejamos outra coisa senão ser cheios do seu poder, que Cristo habite em nossos corações e que conheçamos o amor de Cristo. Deus quer fazer morada em nós, transformar a nossa vida e fazer fluir a sua plenitude por meio de nós para outros. A plenitude total do próprio Deus não alcançaremos na terra, mas ela já começa.

A plenitude de Deus não é algo impessoal, como se crê em algumas religiões, mas o próprio Deus triúno, como ELE se revelou em Jesus e por meio da Bíblia.

- Aquele que desceu é o mesmo que também subiu acima de todos os céus, **para encher todas as coisas!** (4:10)

Já agora ELE enche tudo; o mundo invisível, as regiões celestiais estão permeados pela vitória de Cristo. Mesmo que os poderes ainda façam os seus estragos, a vitória de Cristo lhes é demonstrada por meio de uma igreja redimida. Os seus dias estão contados, e em breve nada mais impedirá que o Filho de Deus encha tudo o que foi criado.

- ... ao homem adulto, à medida da estatura completa **da plenitude de Cristo** (4:13)

Não só o crente individual encontra o seu alvo na plenitude de Deus. A igreja inteira está igualmente colocada nesse processo dinâmico de crescimento. Também aqui o alvo não é menor do que a plenitude do próprio Cristo. A plenitude de Cristo significa que ELE enche, permeia, equipa, dirige e abençoa a igreja e a leva ao alvo na glória.

- ... sejam **cheios** do Espírito! (5:18)

Esse apelo a deixar que algo aconteça conosco deve nos levar a remover da nossa vida tudo o que concorre com Deus e com os seus alvos. ELE só pode nos encher se estivermos vazios de nós mesmos e dos próprios desejos. Mas então ELE pode se manifestar plenamente e dar autoridade e capacitação para qualquer serviço para o qual formos chamados.

Esta epístola está cheia da riqueza de Cristo. Ela nos enche de Deus, de Cristo e do Espírito. Assim, por um lado, a nossa sede existencial de vida é saciada (Sl 42:1-2; Jo 4:13-14; 7:37-39) e Deus chega assim ao seu alvo conosco, isto é, somente como pessoas cheias de Deus seremos imitadores de Deus.

A tipologia do Antigo Testamento e a Epístola aos Efésios: realmente possível?

O AT nos dá um modelo plausível e ilustrativo da doutrina desta epístola. Nessa doutrina, os crentes são descritos como já transportados para o céu. Isso é prefigurado tipologicamente na entrada do povo de Israel em Canaã. Essa terra prometida era extremamente fértil, como os espias já haviam testemunhado. Mas ali havia também inimigos poderosos. Isso corresponde aos lugares celestiais, nos quais entramos pela morte, ressurreição e ascensão de Cristo. Os inimigos poderosos correspondem aos principados e potestades malignos explicados anteriormente. O rio Jordão é uma imagem da morte, que precisava ser atravessada para se chegar à terra. Josué é uma figura do Senhor Jesus como o vencedor no trono de Deus (Ef 1).

Nesse modelo fica claro como essa situação é realidade atual e espiritual. Os lugares celestiais não estão longe, pois a luta espiritual, assim como o desfrute da bênção celestial, acontece em nossa vida, na igreja, no nosso local de trabalho e em nossas casas. Por isso não precisamos interpretar essa doutrina sobre os lugares celestiais de forma geográfica, nem muito menos cósmica, mas espiritual. Visto de modo bem prático, o céu não está longe; ele está tão perto quanto o próprio Cristo, que habita e atua em meu coração. Por isso Paulo ora também no coração da epístola “para que Cristo habite pela fé em nossos corações” (3:17-19).

Por último, ainda uma visão de conjunto da nossa posição e da nossa vida cristã na tipologia: fomos salvos do mundo (Egito) pela morte de Jesus (o mar Vermelho) e levados ao deserto. O mundo no qual nos encontramos tornou-se para nós um deserto. Ali não é realmente o nosso lugar, pois Jesus diz que não somos do mundo. Estamos em viagem, no caminho da fé rumo ao alvo, o reino celestial do nosso

Senhor. Mas ao mesmo tempo é verdade que, pela morte de Cristo e por sua ressurreição, estamos nELE nas regiões dos lugares celestiais.

Para Israel só podia valer uma coisa; para nós valem as duas, isto é, deserto e Canaã ao mesmo tempo. Em sentido figurado, temos os pés na areia do deserto e a cabeça, ou melhor, o coração, no céu (onde está o nosso tesouro).

Cristo, a cabeça: unidade, função e representação

Nesta epístola, a qualidade de Cristo como cabeça é mostrada em pelo menos 2 maneiras: 1. como cabeça sobre todas as coisas criadas (1:10, 22) e como cabeça do corpo, a sua igreja (1:23).

A cabeça (em grego, nada mais do que a “cabeça” biológica de uma pessoa) tem diversos aspectos:

1. Unidade: da cabeça e do corpo. A imagem fala de uma unidade orgânica e viva.
2. Função: na unidade orgânica do ser humano, a cabeça e o corpo estão dispostos numa determinada ordem, e cada parte tem as suas funções e tarefas determinadas. Nisso está também o aspecto da hierarquia, no qual a cabeça está no topo.
3. Representação: de uma pessoa, geralmente nos fica na memória o rosto. A cabeça representa a pessoa inteira (por exemplo, a foto do passaporte). O chefe de um Estado, o presidente federal, assume tarefas de representação diante de outros povos do mundo.

Esses 3 aspectos podem ser encontrados quase sempre onde Cristo é chamado de cabeça.

É interessante como o termo grego (*kephale κεφαλή*) era usado naquela época. Além da cabeça humana e animal, ele designava o que é proeminente e o que está em primeiro lugar ou em posição superior (por exemplo, Ef 5:23 e outros). Da mesma forma, a palavra era usada para a foz de um rio, para uma fonte, para a origem de uma coisa ou para o início de uma época.

No AT os pais são chamados cabeças das suas famílias (por exemplo, Nm 1:4).

Israel foi designado por Deus para ser a cabeça de todas as nações, isto é, para ocupar uma posição de destaque acima das nações ou no meio delas, Dt 28:13. Aqui se trata menos de uma posição hierárquica e mais de ser uma luz para as nações no que diz respeito a Deus. No NT o termo “cabeça” é aplicado a Cristo. Quando ele é chamado cabeça, ele o é sempre como homem, pois como cabeça ele está sempre em relação com seres humanos. Ele é cabeça como homem glorificado e entronizado, com base na sua obra de redenção consumada.

- Ele é a “cabeça da esquina”, isto é, a pedra angular, pela qual tudo se orienta e precisa se orientar. Ele mantém tudo unido. Para isso Deus o fez, depois que os construtores rejeitaram a pedra, Cristo. Assim Deus o fez a única fonte de salvação para o mundo inteiro. Em nenhum outro nome debaixo do céu há salvação, At 4:11-12.
- Em Rm 5, a partir do versículo 12, encontramos Cristo também como uma cabeça, em contraposição a Adão. Embora ali não se fale literalmente de uma cabeça, pode-se reconhecer que Adão é a cabeça, isto é, o início e a origem do ser humano caído em pecado. Cristo é o início e o autor de um novo gênero humano, redimido.
- Cristo é a cabeça do corpo, da Igreja/igreja. Pelo Espírito Santo, todos os crentes foram batizados em um só corpo no Pentecostes (1Co 12:13) e unidos ao Cristo glorificado no céu, a cabeça do

corpo. Como cabeça do corpo, Cristo é a fonte celestial para a igreja na terra, da qual ela recebe tudo de que precisa para cumprir a sua função na terra. O papel da cabeça não é o de dominar o corpo, mas o de suprir, prover, cuidar e amar. Esse é também exatamente o modelo para o marido e a mulher no seu casamento. A minha cabeça não domina o meu corpo; o meu corpo não é obrigado a obedecer ao meu cérebro. A essência da cabeça e do corpo é a unidade do organismo, o funcionamento automático do todo. As ordens do cérebro são executadas automaticamente, sem coação nem sujeição. Como o cérebro comanda, cabe à cabeça uma importância especial; e, no entanto, nem a cabeça é algo sem o corpo, nem o corpo sem a cabeça, como Paulo diz certa vez a respeito do homem e da mulher. A igreja representa a sua cabeça celestial, Cristo, aqui na terra. E da mesma forma a igreja é representada por Cristo no céu, diante de Deus e dos anjos.

Os 3 aspectos da cabeça de todas as coisas no futuro reino de 1000 anos e na nova criação apresentam-se da seguinte forma:

1. Unidade: não há mais separação nem ruptura dentro da criação, nem separação da criação em relação a Deus. Sem a cabeça, todas as coisas estavam como mortas, inúteis e sem valor para Deus. Em ligação e unidade com Cristo, unidas como uma cabeça ao corpo, tudo é restaurado e trazido de volta a Deus.

2. Função: como a unidade da cabeça e do corpo possibilita uma influência completa até todos os recantos do ser, tudo será marcado pelo Senhor Jesus. Tudo funcionará como ele quer.

Como cabeça de todas as coisas, ele fará fluir para dentro de todas as coisas, como a foz de um rio, uma corrente de bênção incontível, larga e profunda; tudo será mergulhado na plenitude da grandeza e da bênção do Senhor Jesus Cristo.

3. Representação: todas as coisas serão levadas por ele a Deus em completa harmonia. Deus será então perfeitamente glorificado para sempre. Todas as coisas terão então o agrado de Deus, por meio de Cristo, que possui o agrado irrestrito de Deus. Assim como Deus vê o seu Cristo, assim ele então olhará para todas as coisas. Esse estado, que jamais existiu, não terá fim. O velho passou; eis que tudo se fez novo.

Os 5 dons: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres – ainda hoje?

A Epístola aos Efésios tem como um dos seus focos a igreja como corpo de Cristo. O fato de esse corpo ainda existir hoje em sua realização prática (ainda que, infelizmente, já não seja visível na unidade de um só corpo), depois de 2000 anos de história da igreja, tem a sua razão no fato de que o Cristo glorificado deu dons ao seu corpo. Esses dons provam que Cristo é a cabeça glorificada da igreja.

Curiosamente, trata-se aqui de dois “tipos” de dons: 1. cada um tem um dom, o que é de imensa importância (4:7), e 2. há crentes que, como pessoas, são dons de Cristo para a igreja. Esses dons são pessoas com a capacitação, reconhecível para todos ao seu redor, de apóstolo, profeta, evangelista, pastor e mestre.

Nesse contexto, naturalmente, devem ser também consultados e comparados os outros dois textos principais sobre esse tema, a saber, 1Co 12 e Rm 12. Ali se encontram mais dons da graça do que os mencionados aqui. Estes, porém, parecem ser os dons mais importantes ou talvez os maiores, especialmente quando aqui são identificados diretamente com a pessoa.

Pode-se imaginar bem o que esses dons significam e em que consiste a sua capacitação. Mas resta a pergunta se esses dons, isto é, todos os 5, ainda hoje são dados por Cristo à igreja.

Em geral se diz que os 2 primeiros dons não são mais dados. Os apóstolos eram um número fixo de 12 mais 1. Profetas também não existem mais, porque o cânon da Escritura está fechado e acessível a praticamente todos os cristãos. A atuação dos apóstolos, ou o seu dom à igreja, continua então presente até hoje nos seus escritos, o NT.

Outra visão crê que todos os 5 dons ainda hoje são dados. Em princípio, essa afirmação também se lê como atemporal e sempre válida. A igreja funciona até hoje com a ajuda desses 5 dons (em pessoas) e dos dons da graça que cada membro tem.

O fato de que Barnabé, certa vez, é chamado apóstolo no mesmo fôlego que Paulo (At 14:14), e de que Paulo fala de vários apóstolos que estiveram com ele em Tessalônica (1Ts 2:6), e de que Andrônico e Júnias possivelmente são contados entre os apóstolos (Rm 16:7), permite a conclusão de que não houve apenas 12+1 apóstolos.

Nessa visão, os apóstolos hoje naturalmente não são aqueles que dão continuidade a uma linha apostólica, como é praticado, por exemplo, na Igreja Nova Apostólica. Também os apóstolos de hoje não viram Jesus com os seus olhos físicos. Os 12 apóstolos do Cordeiro terão eternamente um status especial, ou uma memória especial, no fundamento da cidade eterna. Os apóstolos hoje não têm mais a mesma importância que no primeiro século, mas o seu ministério tem, ainda assim, características semelhantes.

Entre os apóstolos de hoje eu conto aqueles que estão no início de avivamentos, que fundam igrejas, que são líderes da cristandade. Certamente não têm autoridade apostólica, mas têm um papel enormemente importante quando se trata do crescimento do corpo. A esse respeito, uma citação (Thomas Jettel): “A palavra (*apostolos* **ἀπόστολος** mensageiro; enviado) é usada no NT em diferentes sentidos. Jesus designou os Doze como os seus primeiros mensageiros. Paulo também foi designado diretamente pelo Senhor como mensageiro especial (Gl 1; 2Co 12:12). Também Tiago parece ter ocupado uma posição especial (1Co 15:7; Gl 1:19). Esses foram apóstolos que lançaram o fundamento (Ef 2:20; 3:5), por assim dizer apóstolos de primeira qualidade, de primeira categoria; eles receberam a sua mensagem diretamente do Senhor. Mas o NT não limita o termo apóstolo a eles. Outros, como Barnabé (At 14:4; cf. Gl 2:8-9), Silas e Timóteo (At 17:1, 4; 1Ts 1:1-2; cf. 2:6-7) e Tito (Tt 1:5; 3:12), são chamados “apóstolos” num sentido mais amplo. Eles não tinham a mesma qualidade e autoridade, mas exerciam uma atividade semelhante à dos apóstolos que lançaram o fundamento. Eram evangelistas e mestres, mostravam o caminho a novos grupos, viajavam como mestres. A sua atividade era de liderança, mas não ligada a um lugar. Pode-se também chamar esse grupo de ‘mestres missionários’.”

O mesmo vale para os profetas. Sobre esse dom sabemos pouco; só sabemos que todos os 3 textos relevantes (sobre os dons) (Ef 4, 1Co 12, Rm 12) o incluem. Fora isso, profetas do NT são mencionados somente aqui:

At 13:1: Havia na igreja em Antioquia, na assembleia local, **profetas** e mestres: Barnabé e Simeão, chamado Níger, e Lúcio de Cirene, e Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo.

At 15:32: E Judas e Silas, que também eram eles mesmos **profetas**, exortaram os irmãos com muitas palavras e os fortaleceram.

Profetas no século 1 eram também aqueles que, enquanto ainda não existia o NT, revelavam verdades, isto é, podiam transmiti-las. Também aqueles que não eram apóstolos, mas cujas epístolas, como as de Tiago e Judas, entraram no NT, podem ser chamados assim. Depois do fechamento do cânon do NT, esse ministério não é mais necessário hoje, e por isso esse ministério de escrita inspirada também não existe mais.

Profetas hoje são aqueles que são capazes – e nisso se assemelham aos do AT – de reconhecer e desmascarar o espírito da época, que descobrem e denunciam tendências perigosas na cristandade. Esses são também incômodos, porque põem o dedo na ferida. O seu ministério é a exortação. Eles não predizem acontecimentos futuros e também não revelam novas verdades. Esse não era, nem é, o ministério dos profetas do NT, portanto também dos nossos dias.

O novo homem: onde e como ele se torna visível

Nem religiões, nem educação, nem política, nem genética produziram um novo homem, ainda que isso tenha sido tentado repetidas vezes. Quem procura refletir objetivamente sobre o ser humano, naquilo que ele sempre foi e naquilo que ele ainda hoje é e provoca, chegará inevitavelmente à necessidade de um novo homem.

Deus, o Criador, não “consertou” nem “reformou” o ser humano caído em pecado, que vive em pecado. Também a Lei não pôde realizar isso, mas apenas confirmou a sua incorrigibilidade. O velho homem não pode mais ser melhorado. A cruz do Gólgota é o fim do velho homem. Cristo toma sobre si, em nosso lugar, o juízo e a morte do velho homem. Na ressurreição de Cristo surge um novo homem – somos a sua obra-prima, uma nova criação –, que foi criado em conformidade com o próprio Deus (4:20-24; Rm 6:1-11; Gl 5:16-26). Isso se refere primeiro, e enquanto vivemos na terra, ao nosso coração, ao homem interior, e ainda não ao seu corpo. Refere-se ao pensamento do ser humano, à sua atitude diante da vida, à sua vontade, também aos seus sentimentos. Mas o novo, em seu efeito prático, não está imediatamente presente de forma plena e completa, como se tivéssemos sido feitos perfeitos de uma só vez. O novo é colocado em nós como uma semente, que deve crescer. O poder do Espírito e da palavra viva, pela qual nascemos de novo, produz uma transformação constante e contínua à imagem de Jesus. Aos efésios Paulo fala de uma “renovação no espírito do entendimento de vocês”. Esse processo de transformação tem **2 lados**: por um lado, é a ação e o poder de Deus, nos quais precisamos confiar para experimentar esse processo de renovação. Mas, por outro lado, somos plenamente colocados na responsabilidade e chamados a fazer isso, a agir e decidir de modo que corresponda a esse novo homem. Em outras palavras: esforçamo-nos como se dependesse de nós, e nisso confiamos em Deus, sem cuja ação nada pode dar certo. Nesse sentido Jesus, a videira verdadeira, diz, quando se trata do fruto para Deus: “Sem mim, ou fora de mim, vocês nada podem fazer”.

O novo homem é, portanto, a partir do novo nascimento, a minha nova personalidade, mas em um ambiente velho. Não foi o meu ambiente que mudou; eu fui transformado e me transformo constantemente num processo de crescimento espiritual.

Assim Paulo descreve a nova vida, como ela se mostra nas relações de vida e de sociedade que conhecemos:

Cap. 4:1-16: Na igreja, no corpo de Cristo

Aqui a nova vida procura recuar a si mesma e não se impor na vida da igreja nem passar por cima dos outros. O comportamento deve servir à preservação da unidade prática da igreja. Do mesmo modo, cada membro é incluído na responsabilidade de promover o crescimento espiritual da igreja, pois cada um recebeu de Cristo um dom.

Cap. 4:17-24: A diferença fundamental em relação ao mundo

Não pode haver contraste maior do que uma vida no mundo, longe de Deus, e uma vida que vem de Deus, em comunhão de filho com o Pai celestial. A plenitude de sentido e a constância das duas formas de vida diferem como o dia e a noite.

Cap. 4:25-32: Mandamentos para a nova vida: falar, trabalhar, perdoar

Paulo começa a mostrar vários detalhes de como a nova vida abre caminho no dia a dia. A ira e a gritaria, a cólera e a amargura só podem pertencer a uma vida velha, onde não há verdadeiro sentido nem amor. O roubo deve pertencer ao passado; o nosso falar é positivo e edificante. Ele não puxa para baixo, mas para cima.

Cap. 5:1-14: Imitadores de Deus: piadas, sexualidade, luz / trevas

Num mundo sem Deus, não devemos ser nada menos do que imitadores de Deus. Piadas sujas, prazer na sujeira e na imundície de uma geração perversa e corrompida não se ouvem mais de nós. A sexualidade é um presente de Deus valioso e, ao mesmo tempo, muito frágil. Com o mundo não há mais comunhão voluntária de coração. Como luzes no mundo, somos antes indicadores do caminho para a luz e para o dia.

Cap. 5:15-21: Remir o tempo, álcool, culto na igreja

Deus dá momentos especiais para se mostrar por meio de nós, obras que ELE preparou para que andemos nelas. Os filhos de Deus e da luz não vivem sem plano e de forma passiva. Eles aproveitam o tempo disponível, agem de forma bem pensada, com sentido e com o entendimento que neles foi renovado. Eles fazem a vontade de Deus. Não se enchem de álcool, que torna lerdo e sem sobriedade e não aproxima do Senhor.

Em vez de uma substância embriagante, o Espírito deveria nos preencher e encher totalmente. Assim podemos também ser úteis a outros na igreja. Assim, a partir de um coração cheio, são possíveis um verdadeiro louvor de coração e ações de graças. Isso não edifica só a nós mesmos, mas a todos os que o ouvem.

Cap. 5:22-33: Casamento de marido e mulher – Cristo e a igreja

Um casamento é uma tarefa de vida que não funciona bem sozinho nem automaticamente. Naquela época, a mulher era uma propriedade à qual se impunha obediência absoluta. Um mandamento aos maridos para amarem as suas esposas não existia na Antiguidade. Mas a luz do evangelho tira as esposas dessa situação: os maridos devem amar as suas esposas, e isso segundo um padrão que não pode ser superado: assim como Cristo amou a igreja.

As mulheres, por sua vez, não deveriam agora pensar que poderiam se rebelar contra o marido, à luz e na liberdade do evangelho. Elas deveriam igualmente aplicar a si mesmas o modelo de Cristo e da

igreja: assim como a igreja, como corpo, está submissa à cabeça (Cristo), assim também as mulheres aos seus maridos. Todo o agir na imitação de Cristo, no que diz respeito aos maridos e às mulheres, acontece de forma voluntária e sem coação, por convicção de corações renovados.

Cap. 6:1-4: Filhos e pais

Os filhos, crentes ou não, devem obedecer aos pais. Isso lhes será para bênção. Vale o sexto mandamento das dez palavras a Israel: atemporal e sempre válido, um mandamento para a vida e para a bênção de pais e filhos.

Os pais, ou seja, pai e mãe, devem tratar os filhos com amor, mas com firmeza, para que tenham ânimo e cresçam, aceitem o Senhor e o sigam, e simplesmente se tornem adultos, para um dia viverem de forma independente e poderem, por sua vez, formar famílias.

Cap. 6:5-9: Relações de trabalho: senhores – escravos, crentes – descrentes

Ainda que hoje a escravidão não exista mais dessa forma e tenha sido abolida graças ao efeito do evangelho, tiramos dessas exortações princípios que podem ser aplicados também às relações de trabalho de hoje.

O princípio mais importante é ao mesmo tempo também muito simples: todo cristão é responsável, em primeiro lugar, diante do seu Senhor celestial. Não queremos agradar aos seres humanos, mas ao nosso Senhor eterno. Mas agradar a ele significará, na maioria dos casos, obedecer ao senhor terreno. Não é a crítica constante nem o rancor no coração em relação ao chefe que caracteriza o cristão. Esse é um tema complexo, mas o cristão pensa em como também aqui pode ser um testemunho para o SENHOR e para o evangelho.

Cap. 6:10-20: Conflito espiritual em todas as frentes

Por último, como apelo e resumo de tudo o que foi dito até agora sobre a vida prática de fé, Paulo indica que a frente espiritual e invisível atravessa todas as áreas e situações da vida. Muitos cristãos não percebem o perigo que vem do mundo invisível e vivem como se o diabo não existisse. Paulo diz, por assim dizer, que nem consegue abranger nesta epístola todas as situações da vida. Mas, em compensação, ele nos mostra a armadura de Deus, com a qual podemos resistir no SENHOR em toda situação da vida e em todo perigo.

Principados e potestades: o Maligno e o mundo invisível e celestial

Não há nenhuma epístola no NT em que apareçam com tanta frequência termos que falam de poderes espirituais pessoais no mundo invisível. Outras epístolas, também de Paulo, falam disso (por exemplo, Rm 8:38; Cl 1:16; 2:15; 1Pe 3:22), mas não com essa frequência, e isso é uma característica desta epístola.

Deixemos Paulo falar e citemos todos os textos que mencionam esses seres:

- ... e o (Cristo) fez sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de **todo principado** (πάσης ἀρχῆς *pases arches*) e **potestade** (ἐξουσίας *exousias*) e **poder** (δυνάμεως *dunameos*) e **domínio** (κυριότητος *kuriotet0s*) e de todo **nome** (*onoma*) que se possa referir, não só neste século, mas também no vindouro, e sujeitou todas as coisas debaixo dos seus pés ..., 1:21-22.

Cristo, como homem, está elevado acima de toda e qualquer personalidade espiritual imaginável. Estas ocupam uma posição elevada na criação de Deus, mas a de Cristo está acima delas, porque está no trono do Altíssimo, à direita de Deus.

- ... segundo o **príncipe da potestade do ar, do espírito** que agora atua nos filhos da desobediência ..., 2:2

Os poderes exercem uma influência concreta e maciça sobre os acontecimentos do mundo. Eles influenciam não só as sedes de governo, mas também o ser humano comum, isto é, todos os que estão espiritualmente mortos e, por isso, entregues aos poderes. Aqui eles se revelam claramente como inimigos de Deus, isto é, diabólicos. Se há um príncipe entre esses seres, só pode ser o diabo. E é isso também o que a Escritura diz: Mt 25:41.

- ... para que agora, por meio da igreja, a multiforme sabedoria de Deus se torne conhecida dos **principados e potestades** nos lugares celestiais, ... 3:10

A todo o mundo invisível é apresentada a ação salvadora de Deus e o seu resultado, a igreja, como proclamação da sabedoria de Deus. Os poderes têm de se espantar e, rangendo os dentes, se dar por vencidos. A vitória pertence ao nosso Cristo, e a igreja é o seu “despojo”; os poderes perderam.

- de quem toda **família** nos céus e na terra recebe o nome, ... 3:15

Ainda que à primeira vista aqui não se fale desses poderes, fica claro, porém, que também eles são criaturas e recebem o seu nome do Criador. Isso deixa claro aos efésios que esses poderes não são autônomos, nem deuses (oni)potentes, mas estão sujeitos ao Criador. Nesse contexto é interessante que, na magia, era importante dirigir-se aos espíritos ou conjurá-los pelo seu nome.

- “Quando ele subiu às alturas, levou cativo o **cativo** ... 4:8

Também aqui o contexto não é imediatamente evidente. Mas o cativo existia pelo poder das trevas, que Cristo quebrou pela cruz e pela ressurreição. Aqui a ascensão de Jesus é uma marcha triunfal depois da obra de redenção consumada e vitoriosa.

- ... para que possam ficar firmes contra as ciladas (**μεθοδείας methodeia**) do **diabo** (**διάβολος diabolos**). Porque a nossa luta não é contra carne e sangue, e sim contra os **principados** (**ἀρχαί archai**), contra as **potestades** (**ἐξουσίας**), contra os **dominadores deste mundo** (**κοσμοκράτωρ kosmokrator**) **tenebroso** (**σκότος skotos**), contra as **forças espirituais do mal** (**πρὸς τὰ πνευματικὰ τῆς πονηρίας pneumatika tes ponerias**) nos lugares celestiais. 6:11-12

Aqui, em ligação com os poderes, o diabo é mencionado pela primeira vez. Ele é o chefe, o “general” desses poderes (cf. Mt 12:22ss). Com isso os poderes são desmascarados; fica claro que eles são sempre inimigos e fazem de tudo para deter e prejudicar a obra de Deus em nós e no mundo inteiro.

Como se explica que esse tema seja central nesta epístola? Os efésios não viviam, como nós hoje, num tempo “esclarecido”, moderno ou pós-moderno. A sua vida, a sociedade daquele tempo, naquela cidade, na Ásia Menor, no Império Romano, era marcada por cultos idólatras. Éfeso era permeada pela religião até todas as camadas da sociedade, das quais as pessoas chegavam à fé em Cristo. A vida era determinada pelo culto a Ártemis, que os romanos chamavam de Diana (veja a imagem). Além disso, Éfeso era um centro de magia e de práticas ocultistas. B.M. Metzger diz: “*De todas as cidades greco-romanas, Éfeso é a terceira maior do império e, de longe, o lugar mais atraente para magos, feiticeiros e charlatões de toda espécie*”. Lucas relata (veja abaixo) que uma grande quantidade desses livros de

magia, com fórmulas de conjuração e conteúdos ocultistas, foi queimada por aqueles que creram no evangelho. Os judeus também tinham a sua magia e participavam dessas trevas espirituais. Uma mistura de cultos judaicos, helenísticos e romanos estava na ordem do dia (sincretismo). A isso se somava a astrologia, a crença no destino, que era determinado pelas estrelas. Elas determinavam a vida; eram ameaçadoras, reais, exigentes. Ninguém estava realmente livre disso. Essa idolatria era a cabeça de ponte, o meio dos poderes mencionados por Paulo, para alcançar influência direta sobre os efésios, sobre os seres humanos em geral. Esses poderes eram incumbidos, por meio da invocação pelo nome e de fórmulas de conjuração, de fazer aquilo com que se alcançavam os próprios objetivos e vantagens, especialmente também em relação a outras pessoas. Esses poderes provocavam medo; por causa da sua “onipresença”, ninguém podia se sentir seguro.

As perguntas agora eram: como fica a situação daqueles que creram no evangelho? Os poderes ainda tinham influência? Cristo estava no mesmo nível que os poderes, era superior a eles ou até inferior? Eles ainda estavam entregues aos poderes? Como deviam se comportar diante dos poderes? Ou esses cultos deviam ser mantidos, junto com a sua nova fé?

Pode-se comparar aquele tempo, entre outras coisas, com o culto vodu no Haiti e na África, onde as pessoas vivem com medo dos deuses. Quando creem no evangelho, porém, essa escravidão e esse medo são rompidos. A influência dos deuses, nesses cultos e por meio deles, é diferente da que ocorre no mundo ocidental. Mas lá ela é igualmente real, ainda que não tão evidente. Lá, no Haiti e na África, e também em muitas outras partes da terra, crê-se nos deuses; eles fazem parte do dia a dia. Entre nós não se crê nesses seres. Mas justamente isso já é uma vantagem que o diabo tem para manter as pessoas em escravidão.

Essa escravidão e esse poder das trevas, em nossas latitudes, na maior parte dos casos não têm a ver com possessão. Em nossa sociedade, é uma ação conjunta do mundo, do prazer e dos desejos do ser humano e dos poderes invisíveis (2:2). O sistema do mundo é dirigido pelo diabo, e com isso já está criado um ambiente no qual o ser humano é afastado de Deus. A isso se soma que o próprio ser humano quer o pecado, e não a Deus, a quem precisa se submeter. Essas 2 condições prévias abrem aos poderes invisíveis malignos, que atuam no ar, isto é, em nosso ambiente imediato, todas as possibilidades de reforçar tudo isso em seu favor. Nisso eles se concentram em pontos-chave importantes (governo, escola, educação, tecnologia, lazer), também na natureza, para prejudicar o ser humano em todos os aspectos. Mas isso acontece, em última análise, dentro dos limites que Deus permite. Precisamos imaginar que a dimensão da rebelião contra Deus no mundo invisível é comparável àquela que vivemos no mundo visível.

Um alvo principal de ataque desses dominadores do mundo das trevas são, naturalmente, aqueles que foram arrancados do seu poder e que eles não podem mais arrancar da mão do Pai e do Filho. Como os crentes estão seguros ali, eles procuram destruir a vida de fé dos crentes e, acima de tudo, o seu zelo pelo evangelho. É isso que eles precisam temer, porque o evangelho pode libertar pessoas do seu poder. O evangelho da graça de Deus é a prova de que os seus dias estão contados.

Quando Paulo cita diversos termos com os quais esses seres angelicais são designados, ele usa aqueles que eram usados pelas próprias pessoas e pelos cultos, tanto por judeus quanto por gentios. Ele adota, a respeito desses seres, a cosmovisão daqueles dias, porque, de certa forma, ela correspondia à realidade. O que Paulo não faz, embora talvez o tivéssemos desejado, é desenvolver uma hierarquia do mundo angelical, ou um organograma da empresa diabólica para a produção das suas ciladas diabólicas. Os termos permitem concluir que há uma hierarquia. Os gentios conheciam uma assim no

mundo angelical. Paulo diz apenas o que é realmente importante e simplesmente pressupõe a realidade pessoal de criaturas poderosas e, por isso, superiores ao ser humano. Para ele é importante anunciar a sujeição desses poderes a Cristo e a libertação dos crentes da sua ditadura. Mas é igualmente importante para ele que, embora vencidos, eles atacam o crente onde quer que possam. O cristão é com isso chamado à mais alta vigilância diante das influências demoníacas (mundanas, pecaminosas). Ele deve desmascarar essas ciladas e resistir a elas. Com isso, ser cristão se torna uma luta, que, porém, pode ser vencida no poder do vencedor, o exaltado Senhor Jesus Cristo. **A Epístola aos Efésios coloca os seus destinatários em condições de viver conscientemente a sua nova posição em Cristo diante dos poderes, em dependência do seu Senhor e da força do seu poder.** Essa percepção provavelmente só conseguimos sentir de forma fraca, mas tanto mais deveríamos levar a sério essas influências em nosso tempo.

A própria Escritura relata que anjos têm poder sobre nações. Em Daniel 10 se fala de príncipes, isto é, de poderes angelicais dos reinos da Média e da Pérsia, bem como da Grécia. A personalidade carismática de Alexandre, o Grande, assim como a sua ascensão vertiginosa, podem ser muito mais bem compreendidas sob esse aspecto. O príncipe angelical Miguel está designado para o povo de Israel. Em Dt 29:26; 32:8 (a LXX e a antiga tradução latina leem: segundo o número dos anjos de Deus) isso é ampliado a todos os povos.

Os deuses das nações são vaidade; não são nada, não são deuses verdadeiros. Não há Deus além de JAVÉ. Mas, por outro lado, por trás desses ídolos esconde-se o mundo dos demônios (1Co 10:19ss). Dessa maneira havia influência direta do mundo visível sobre o invisível.

O relato detalhado de Lucas em Atos dos Apóstolos (cap. 19) confirma as observações feitas acima:

“ Ele (Paulo) entrou na sinagoga e falou com franqueza durante três meses, discutindo e convencendo-os acerca das coisas do reino de Deus. Mas, como alguns se endureceram e não creram¹ e falavam mal do Caminho² diante da multidão, ele se afastou deles e separou os discípulos, discutindo diariamente na escola de Tirano. Isso durou dois anos, de modo que todos os que habitavam na Ásia, tanto judeus como gregos, ouviram a palavra do Senhor. E Deus fazia milagres extraordinários pelas mãos de Paulo, a ponto de levarem aos enfermos lenços ou aventais que haviam tocado o seu corpo, e as doenças os deixavam e os espíritos malignos saíam.

Mas também alguns dos exorcistas judeus itinerantes tentaram invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que tinham espíritos malignos, dizendo: Eu os conjuro por Jesus, a quem Paulo prega! Os que faziam isso eram sete filhos de um certo sumo sacerdote judeu chamado Ceva. Mas o espírito maligno respondeu e lhes disse: Jesus eu conheço, e Paulo eu sei quem é; mas vocês, quem são? E o homem em quem estava o espírito maligno saltou sobre eles, dominou os dois e os subjugou, de modo que fugiram daquela casa nus e feridos. Isso se tornou conhecido de todos, tanto judeus como gregos, que habitavam em Éfeso; e caiu temor sobre todos eles, e o nome do Senhor Jesus era engrandecido. E muitos dos que haviam crido vinham, confessando e declarando as suas obras. E muitos dos que haviam praticado artes mágicas juntaram os livros e os queimaram diante de todos; e calcularam o seu valor e chegaram a cinquenta mil moedas de prata. Assim a palavra do Senhor crescia poderosamente³ e prevalecia⁴.” (traduzido da Elberfelder alemã)



Grande é a Ártemis dos efésios! At 19:23-40

“Por aquele tempo houve um não pequeno tumulto acerca do Caminho⁵. Pois um ourives chamado Demétrio, que fazia templos de prata de Ártemis, proporcionava aos artífices um lucro não pequeno; e, depois de reunir estes juntamente com os trabalhadores do mesmo ofício, disse: Homens, vocês sabem que deste ganho vem a nossa prosperidade; e vocês veem e ouvem que esse Paulo, não só em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, persuadiu e desviou uma grande multidão, dizendo que não são deuses os que são feitos por mãos humanas. E não só há o perigo de que este nosso negócio caia em

descrédito, mas também de que o templo da grande deusa Ártemis seja tido em nada e de que seja destruída a majestade daquela a quem toda a Ásia e o mundo veneram.

Ao ouvirem isso, encheram-se de furor e gritavam, dizendo: Grande é a Ártemis dos efésios! E a cidade ficou em confusão; e correram juntos, de comum acordo, para o teatro, arrastando consigo os macedônios Gaio e Aristarco, companheiros de viagem de Paulo. Quando Paulo quis apresentar-se ao povo, os discípulos não o permitiram. Também alguns dos asiarcas⁶, que eram seus amigos, mandaram pedir-lhe que não se arriscasse a ir ao teatro. Uns gritavam uma coisa, outros outra; porque a assembleia estava em confusão, e a maioria não sabia por que se havia reunido. Então tiraram da multidão Alexandre, a quem os judeus empurravam para a frente. Alexandre fez sinal com a mão e queria fazer a sua defesa diante do povo. Mas, quando reconheceram que ele era judeu, levantou-se *uma só* voz da boca de todos, e gritaram durante cerca de duas horas: Grande é a Ártemis dos efésios! Quando o escrivão da cidade acalmou a multidão, disse: Homens de Éfeso, quem dentre os homens não sabe que a cidade dos efésios é guardiã do templo da grande Ártemis e da imagem que caiu do céu⁷? Visto que isso é incontestável, convém que vocês fiquem calmos e não façam nada precipitado. Pois vocês trouxeram aqui estes homens, que não são roubadores de templos nem blasfemam contra a nossa deusa. Se, portanto, Demétrio e os artífices que estão com ele têm alguma queixa contra alguém, há dias de audiência e há procônsules; que se acusem uns aos outros. Mas, se vocês têm alguma pretensão sobre outros assuntos, ela será resolvida na assembleia legal. Pois corremos também o perigo de ser acusados de sedição por causa do dia de hoje, já que não há motivo algum com que possamos justificar este ajuntamento. E, tendo dito isso, dissolveu a assembleia.” (traduzido da Elberfelder alemã)

A armadura de Deus: guerra espiritual, mas como?

As instruções sobre a luta espiritual devem ser entendidas menos como um encerramento e mais como o ponto culminante da parte prática da epístola. Em todo caso, temos diante de nós uma espécie de discurso final que resume tudo. Ele é comparável ao de um general aos seus combatentes antes de começar a batalha. É bom ter um pouco diante dos olhos esse drama e essa tensão antes da batalha, para avaliar corretamente a seriedade da luta espiritual.

A vida cristã é uma luta constante. Para ilustrar isso, Paulo apresenta a imagem de um soldado, provavelmente romano, pois naquela época eles faziam parte da paisagem das ruas de Éfeso. Com essa imagem ele ressalta a atualidade e também a realidade brutal da guerra, o que vale também para a luta espiritual. Na verdade, ele usa aqui a palavra para uma luta corpo a corpo na arena, porque quer enfatizar com isso a proximidade do inimigo. Nesse sentido, poder-se-ia comparar os lugares celestiais a uma arena celestial.

Na tipologia já falamos da luta que naquela época aconteceu de fato e literalmente em Canaã. Paulo diz que a nossa luta não é contra carne e sangue, isto é, não contra seres humanos, mas contra as forças espirituais (invisíveis) do mal nas regiões celestiais (6:10-20). Para permanecer na imagem: essas forças do mal querem impedir com toda a força que vivamos em Canaã, isto é, que vivamos na prática a nossa posição cristã em Cristo nas regiões celestiais. Querem conseguir que não provemos nem desfrutemos a riqueza das bênçãos celestiais, que não a vivamos nem a testemunhemos. Esses poderes querem destruir, secar e empurrar a nossa vida de fé de volta para o curso deste mundo, de onde viemos. Pela adaptação ao curso deste mundo morre o testemunho do novo homem de Deus em

Cristo e o testemunho do evangelho. O caminho para isso não é a possessão demoníaca, mas o pecado.

Lembremo-nos: em Cristo os efésios haviam sido elevados de uma vez por todas acima desses poderosos e numerosos poderes angelicais. Portanto, não precisavam mais temê-los. Esse foi um alívio e uma libertação que hoje mal conseguimos compreender. Mas aqui eles poderiam ter cometido um erro fatal. A ameaça ainda estava presente, mas não mais da mesma maneira que antes da sua conversão. Esses poderes espirituais ainda deviam ser temidos agora, porque os crentes se tornaram de novo o alvo de ataque. Agora, porém, tratava-se de impedir a realização da sua elevada posição de vitória em Cristo. Essa posição eles não podiam mais roubar dos crentes, mas podiam roubar-lhes uma vida nessa posição ou a partir do poder dessa posição. Agora não era a violência, mas a astúcia do diabo que devia ser temida. Essas ciladas os encontravam no mundo, em todo lugar e em toda situação da vida, no casamento e na família, no local de trabalho e na igreja. Com isso se exige a mais alta atenção e concentração na vida de fé. São seres e poderes reais, que se movem no ar, isto é, em nosso ambiente imediato, e que trabalham permanentemente para a nossa queda e derrota. Mas Paulo nos vê na posição de força, não só no que diz respeito à nossa posição, mas também na nossa vida de fé: **nELE** somos fortes, mais fortes do que esses poderes, que estão vencidos. Fora do poder de Cristo não temos nenhuma chance, pois esses seres, esses poderes, são mais fortes e mais astutos do que nós.

Como esses poderes trabalham, qual é a sua estratégia e a sua tática, fica claro pela armadura espiritual que devemos vestir. Ali as nossas armas são **verdade, justiça, paz, fé, a salvação e a Palavra**. Disso se vê que o inimigo quer destruir a nossa vida de fé por meio da mentira, da injustiça, da discórdia, da incredulidade e da dúvida. **De fato, o que está na mira do inimigo é a moral do nosso ser cristão.**

A influência maligna desses exércitos celestiais invisíveis e diabólicos não se mostra necessariamente em possessão, como alguns supõem. Essa influência é astuta e sedutora. Lidamos com o anjo de luz, que vem disfarçado de piedade. Não se trata de algo espetacular, no sentido de atacarmos e enfrentarmos os poderes malignos, por exemplo para expulsá-los de uma cidade ou de um território. Esse tipo de guerra, que é praticado no movimento carismático, de forma alguma pode ser deduzido deste texto de Paulo (nem de qualquer outro texto). Ainda que talvez pudéssemos esperar isso por causa do ocultismo, da feitiçaria e da magia na cidade de Éfeso. Não, **a luta não é uma cruzada, nem contra descrentes, nem contra demônios**; é uma luta que quer atingir a nossa vida espiritual nos seus pontos mais sensíveis, por meio da discórdia no casamento, na família e na igreja. Nele já temos agora uma posição de vitória sobre esses poderes, e por isso devemos ser e viver exatamente isso.

Deve-se mencionar que pode haver, e há, encontros com demônios e com possessos. Isso vale especialmente para os países em que a feitiçaria é parte firme e profunda da cultura e onde, por conseguinte, ocorre muita possessão. Mas os verdadeiros crentes, aqueles que em Cristo foram elevados acima dos poderes, não podem ser possessos. A influência de demônios pode atuar na vida dos crentes, menos por meio de envolvimento oculto do que por meio de uma conduta de vida mundana. Que esse fato esteja ligado ao mundo invisível é hoje subestimado!

Não se pode relacionar todo pecado ou toda adaptação ao mundo com esses poderes; “não há um demônio atrás de cada arbusto”. São o mundo, a nossa carne e o mundo espiritual que querem nos fazer cair. É influência de dentro, de fora, e a influência sobrenatural do mundo invisível.

Como se pode caracterizar a nossa luta; de que tipo ela é? Das instruções de Paulo deve-se deduzir que não se trata de uma luta de ataque. Trata-se de “resistir”, “opor resistência” e “estar firme”. Portanto, devemos manter a nossa posição, e não abandonar nem entregar aquilo que é o nosso patrimônio de fé e a nossa experiência de fé. A única arma de ataque é a espada, que, porém, também é indispensável para a defesa no combate corpo a corpo.

Mesmo assim, há nessa descrição algo ofensivo. A proclamação do evangelho é o ataque frontal ao reino das trevas. O evangelho é a arma com a qual se pode arrancar do diabo a sua presa. Bons calçados, com a prontidão do evangelho da paz, dão testemunho de mobilidade e movimento na luta da pregação do evangelho.

Embora isso não seja mencionado no texto, é encorajador que nem toda luta seja travada sozinho. A nossa formação é o exército do Senhor, no qual, na igreja, permanecemos juntos e lutamos como companheiros de luta de Cristo.

Ainda assim, esta observação: a armadura não cresce em nós como as penas crescem num pássaro; precisamos vesti-la, empregá-la ativamente e colocá-la em prática em nossa vida diária.

Éfeso e Colossos

A todo leitor da Bíblia mais ou menos sistemático terá chamado a atenção uma certa semelhança, ou paralelos, entre as epístolas às igrejas nas duas cidades. Elas foram escritas na mesma época, assim como a Epístola a Filemom. Nesse sentido, um estudo comparativo certamente vale a pena.

Aqui basta uma indicação de que a teologia crítica da Bíblia, que se impôs a tarefa de descobrir tudo o que não pode estar correto, postula que a Epístola aos Colossenses não foi escrita por Paulo e que, por sua vez, serviu de modelo a um autor da Epístola aos Efésios (que também não seria Paulo).

Essa é apenas uma teoria entre muitas. Nós cremos no testemunho que as próprias Escrituras dão de si mesmas, as quais mencionam Paulo como autor, tanto na saudação quanto no meio e no fim das epístolas.

Também não é surpreendente que duas igrejas que ficavam a apenas cerca de 180 km uma da outra tivessem problemas não exatamente iguais, mas semelhantes. Por conseguinte, as epístolas podem apresentar alguns paralelos.

Literatura utilizada, entre outras:

Arnold, E. Clinton, Downers Grove, 1992, Powers of darkness: principalities & powers in Paul's letters

Arnold, E. Clinton, Eugene OR, 1989, Power and Magic, The concept of power in Ephesians

Blatt, Helmut, Marburg/Lahn, 2002, Das Geheimnis der geistlichen Waffenrüstung

Elberfelder Übersetzung (tradução alemã da Bíblia), Hückeswagen, 2005

Ellicott, C.J., London, reprint 2004, A Bible Commentary for Bible Students, Volume 8

Grant, F.W., New Jersey, 1901, The Numerical Bible,

Greijdanus, Dr. S., Kampen, 1932, Korte Verklaringen, Deel 12

Lee, Witness, Stuttgart, 1980, Der Brief des Paulus an die Epheser

- Lincoln**, William, Glasgow, 1980, Assembly Writer Library, Vol.II
- House**, H. Wayne, Marburg/Lahn, 1983, Chronologische Tabellen und Hintergrundinformationen zum NT
- Keener**, Craig S., Neuhausen, 1998 (1993 Inter Varsity Press), Kommentar zum kulturellen Umfeld des NT
- Kelly**, William, Oak Park, Lectures on the Epistle to the Ephesians
- Kettling**, Siegfried, 1992, Gießen, Typisch evangelisch – Grundbegriffe des Glaubens
- Martin**, P. Ralph, Wuppertal, 1985, Brockhaus Kommentar zur Bibel
- Medema**, H.P., Vaassen, 1991, De nieuwe Mens: Commentaar op de Brief van Paulus an des Efeziërs
- Remmers**, Arend, Hückeswagen, 2004, In Christus gesegnet, Eine Auslegung zum Epheserbrief
- Smith**, Hamilton, Edingburgh, The Epistle to the Ephesians, An Expository Outline
- Stadelmann**, Helge, Neuhausen Stuttgart, 1993, Der Epheserbrief, EDITION C-Bibelkommentar
- Stott**, John R.W., VTR, Nürnberg 2001, Die Botschaft des Epheserbriefes
- Schmalenbach**, Hanna-M., Marburg/Lahn, 2007, Frausein zur Ehre Gottes im Kontext verschiedener Kulturen
- Tenney**, Merrill C., Marburg/Lahn, 1979, Die Welt des Neuen Testaments
- Wjst**, Walter, Dillenburg, 1999, Ephesus – Aufstieg und Fall einer Großstadtgemeinde
- Hoehner**, Harold W., Michigan, 2002, Ephesians, An Exegetical Commentary
- Peters, Benedikt**, Berneck, 1991, Pulsierendes Leben, Ein Gang durch den Epheserbrief
- Peters, Benedikt**, Berneck, 1989, Dämonische Verstrickungen, Biblische Befreiung

Notas

1. Ou: e foram desobedientes.
2. Isto é, o caminho cristão ou a confissão cristã.
3. Outra leitura: Assim a palavra crescia no poder do Senhor.
4. Ou: mostrava-se poderosa.
5. Isto é, o caminho cristão ou a confissão cristã.
6. Isto é, representantes do povo que também eram responsáveis pelas festas religiosas.
7. Lit.: de Zeus.